

JONAS GONÇALVES, COELHO *m 65*

RELAÇÃO ENTRE FORÇA E SENTIDO EM "A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS"

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia (Lógica e Filosofia da Ciência) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 19/11/1991

[Handwritten Signature]
Orientador

Professor Dr. Osmyr Faria, Gabbi ^{Junior} Jr. *et/*

Dezembro/1991

C65r

16750/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

BANCA EXAMINADORA

Agradeço a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho e, em especial, ao Professor Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr. pelo estímulo, atenção e compreensão.

Este trabalho contou com o apoio da CAPES E FAPESP.

Para Cida,
Thales,
Dilce e
Derly

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	03
a. Estatuto científico da psicanálise	03
b. A psicanálise e a díada Explicação/Compreensão	04
b1. As origens da díada	05
b2. A reação neo-positivista à díada - Hempel	07
. Psicanálise como ciência da natureza	11
b3. O terceiro momento da díada: a influência da filo- safia analítica	19
. Psicanálise como ciência do espírito	20
. A tentativa de repensar a relação Explicação/Com- preensão	24
. Para além da aporia força/sentido e da cisão ciên- cia natural-ciência do espírito	28
CAPÍTULO I - A PRODUÇÃO DO SENTIDO NO APARELHO PSÍQUICO	36
a. A busca do prazer regula a atividade primária do aparelho psíquico	36
b. A atividade secundária do aparelho psíquico não está des- vinculada da busca do prazer	41
CAPÍTULO II - O SENTIDO SUPÕE A FORÇA	48
a. O sonho tem sentido - Ruptura com as teorias científicas dominantes	49
b. O sentido do sonho - Qual é e como se chega a ele	58
c. Relação força/sentido e a teoria de que o sonho realiza desejo	63
CAPÍTULO III - O SONHO E O APARELHO PSÍQUICO	70
PARTE I - Descrição do Aparelho Psíquico	71
a. Esquema do Aparelho Psíquico	71
b. Como Freud chegou a esse esquema	72
c. Explicação de sua composição	76
c1. Composição do Aparelho Psíquico no extremo perceptivo ..	76
c2. Composição da outra parte do Aparelho Psíquico	78

PARTE II - Funcionamento do Aparelho Psíquico	80
a. Deslocamento - transferência de investimentos devido à censura	83
b. Condensação de investimentos devido à censura	92
c. Figuração e Censura	96
. Figuração das Relações Lógicas nos sonhos	97
. Intensidade Sensorial da figuração onírica com respeito aos pensamentos do sonho	100
d. Elaboração Secundária e Censura	104
. A consciência no estado de vigília	106
. A consciência e o Sonho	108
e. O Estatuto da Imagens Energéticas e de Força do capítulo VII de "A Interpretação dos Sonhos"	109
 CONCLUSÃO	 113
 BIBLIOGRAFIA	 116

RELAÇÃO ENTRE FORÇA E SENTIDO EM "A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS"*

INTRODUÇÃO

a. Estatuto científico da psicanálise

O desenvolvimento teórico do saber psicanalítico (Freud) bem como sua popularização tornaram inevitável uma querela acerca de seus fundamentos, de sua pretensão científica. Freud postulava a cientificidade da psicanálise. O problema, porém, é explicitar o alcance e significado de tal tese, visto que ela envolve várias questões frequentemente entrelaçadas e de solução complexa. Por exemplo: Qual a concepção freudiana de ciência? Quais os critérios de validação das teorias psicanalíticas? Qual a natureza dessas teorias? Qual a relação entre a teoria e a prática psicanalítica?

A complexidade e a importância dessas questões são constatadas no grande número de opiniões (prós e contra as pretensões freudianas) sobre o estatuto científico da psicanálise. São muitos os textos e os autores significativos que tratam de tal temática, desde a época de Freud até nossos dias.

A querela que se trava em torno do estatuto científico da psicanálise não é casual, já que tem, como pano de fundo, um debate mais

* As citações de textos de edições portuguesas serão mantidas na versão original.

amplo: a constituição do saber psicanalítico é contemporânea a um embate intenso entre positivismo e hermenêutica em torno da questão do método, cuja importância é sugerida pela sua perene atualidade, ainda que assumindo sempre novas formas. Assim, podemos dizer que a controvérsia sobre o estatuto científico da psicanálise sempre esteve relacionada a este debate metodológico entre positivismo e hermenêutica, tendendo as leituras ora para um dos dois lados ora buscando superar esta dicotomia.

A fim de poder situar o presente trabalho, apresentarei, a seguir, em linhas gerais, em que termos se dá a polêmica metodológica entre positivismo e hermenêutica. A partir daí, discutirei algumas opiniões sobre o estatuto científico da psicanálise para poder precisar a perspectiva aqui desenvolvida.

b. A Psicanálise e a diáda Explicação/Compreensão

A distinção Explicação/Compreensão, como nos sugere Apel, ilumina o debate metodológico. Segundo ele, podemos distinguir três grandes momentos (1). No primeiro, relacionado ao próprio surgimento do debate, destacamos a oposição de Droysen e Dilthey às exigências metodológicas do positivismo de Comte e Mill. No segundo, observamos as reações à hermenêutica sob a influência do neo-positivismo, como é o caso, por exemplo, de pensadores como Hempel. No terceiro, a controvérsia assume novas formas, em parte como reação à grande influência

(1) Essa divisão foi sugerida por Apel no texto "The Erklären-Verstehen controversy in the philosophy of the natural and human sciences". Seguirei suas indicações, embora não me restrinja à sua exposição.

do positivismo lógico, sob a influência da filosofia da linguagem. Indicamos, como representantes significativos desse momento, autores como Von Wright e Davidson.

Vejamos, então, como a díada Explicação/Compreensão, presente em cada um desses momentos, influencia as opiniões sobre o estatuto científico da psicanálise.

b1. As origens da díada

O debate surgiu, como sugere Apel (1), no período de fundação das ciências filológicas e sócio-históricas (século XIX) ou, nas palavras de Von Wright (2), quando da ascensão das ciências humanas. Esta teria sido tão revolucionária quanto foi o desenvolvimento das ciências naturais durante o Renascimento. De acordo com Von Wright, a ascensão "se expressava por um estudo sistemático do homem, de sua história, da linguagem, dos costumes e das instituições sociais..."(3).

Em consequência, colocava-se uma questão metodológica fundamental: a de saber se essas novas ciências deveriam seguir o modelo das ciências da natureza (mais precisamente a física), como queriam os positivistas Comte e Mill, ou se deveriam reivindicar o estatuto de ciência, mas fora das condições ditadas pelo positivismo, conforme desejavam os hermeneutas Droysen e Dilthey.

Para o positivismo de Comte (4), por exemplo, as explicações

(1) The Erklären-Verstehen controversy..., p.19

(2) Explanation and Understanding

(3) Ibid., p.3

(4) Auguste Comte - Philosophie des Sciences: Textos escolhidos por Jean Laubier.

científicas priorizam o estabelecimento de leis para fenômenos observáveis e adotam-se, portanto, explicações causais ou nomológicas. As leis permitiriam a previsão. Este tipo de explicação seria o único modelo de explicação científica (modelo das ciências naturais), apontando a existência de uma unidade metodológica que abarcasse todas as áreas do conhecimento humano. Assim, os estudos humanísticos, para adquirirem o estatuto de ciência, deveriam seguir o mesmo método.

Houve reação dos filósofos hermeneutas à tendência de se tomarem normas e modos de pensar das ciências naturais e aplicá-las ao estudo do homem. Eles a entendiam como sendo reducionista e mecanicista.

Droysen foi o primeiro dos hermeneutas a cunhar os termos que exprimem a dicotomia metodológica: explicação (erklären) e compreensão (verstehen). As ciências naturais explicam; a história, por exemplo, compreende, e só aí poderia haver finalidade (intenção).

"A compreensão está conectada com intencionalidade de um modo que a explicação não está. Através dela compreende-se o fim e o propósito de um agente, o significado de um signo ou de um símbolo e a significação de uma instituição social ou rito religioso."(1)

Dilthey (2) mantém esta distinção ao atribuir a expressão 'Geisteswissenschaften' (ciência do espírito) ao domínio do método compreensivo. A compreensão seria a abordagem dos fenômenos que unifica o externo e o interno, que capta o individual, que se apropria de um

(1) Explanation and Understanding, p.6

(2) A compreensão dos outros e das suas manifestações de vida, p.259-273

sentido, daí as ciências humanas serem interpretativas. As ciências naturais, reconhecendo que a natureza não tem finalidade, ocupar-se-iam da explicação, isto é, do estabelecimento de conexões causais entre acontecimentos pensados como independentes.

A teoria freudiana constitui-se dentro desse cenário. Freud acredita fazer ciência natural. Contudo, tais indicações não nos obrigam a aceitar, sem discussão, que seu lugar seja este. Entretanto, nos momentos seguintes do debate metodológico, encontraremos diversas leituras sobre a teoria freudiana, tanto sob enfoque positivista como hermenêutico.

b2. A reação neo-positivista à díada : Hempel

O segundo momento da discussão da díada explicação/compreensão inicia-se como reação às pretensões de autonomia metodológica para as ciências humanas. Ela decorre do positivismo lógico, movimento filosófico predominante nas décadas de 20 e 30, que argumenta a favor da tese do monismo metodológico, tendo como paradigma a física-matemática. Defendia-se a tese da 'ciência unificada', baseada no modelo nomológico-dedutivo da explicação causal, precisado, posteriormente, por Hempel.

Apel indica, tendo como referência o artigo "A função das Leis Gerais em História", de Hempel, três características desse momento: 1. Passagem da epistemologia para a lógica da ciência; 2. Purificação do explicandum de características psicológicas e sócio-históricas do "contexto da descoberta" e dedução do explanandum a partir do explanans;

3. Julgamento da compreensão apenas como um instrumento heurístico.

Hempel, neste artigo (1), entende que a explicação científica (causal), característica das ciências naturais, pode ser definida em termos de uma dedução dos fenômenos a serem explicados (*explanandum*) a partir de leis gerais (ou hipóteses universais) que exprimem conexões empíricas e de outros enunciados que fazem asserções sobre fatos particulares (estes dois últimos constituem o *explanans*).

Hempel distingue explicações científicas de pseudo-explacões, mostrando que aquelas são acessíveis a comprovações objetivas, ou seja, são hipóteses universais onde as proposições que as descrevem são empíricas. As pseudo-explacões, por outro lado, abusam do direito de se recorrer a metáforas e a analogias. Mas o fazem sem nenhum referencial empírico, pois os termos que as exprimem são empiricamente destituídos de sentido. É impossível indicar o tipo de investigação que poderia conduzir a confirmação da explicação proposta. O exemplo abaixo ilustra o que seria uma pseudo-explacão:

"...a tentativa de elucidar certas características do comportamento orgânico apelando para uma enteléquia, para cujo funcionamento se não apresentam quaisquer leis, ou a explicação dos feitos de uma dada pessoa em termos da sua 'missão na história', do seu 'fado predestinado' ou de noções semelhantes"(2)

Um outro aspecto importante, associado à explicação científica no

(1) A Função das Leis Gerais em História, p.421-435

(2) Ibid., p.424

que se refere a sua justificação, é a predição. Na maioria das vezes uma explicação científica é incompleta. Se, contudo, ela for completa, deve possibilitar predições em virtude da identidade estrutural entre explicação e predição:

"...se o evento final pode ser deduzido das condições iniciais e das hipóteses universais formuladas na explicação, podia do mesmo modo ter sido previsto antes da sua ocorrência real, com base num conhecimento das condições iniciais e das leis gerais."(1)

Este modelo de explicação científica e, por conseguinte, seus critérios de validação, deveria ser o mesmo nas ciências humanas, ou seja, valeria, por exemplo, para a história.

"Também a explicação histórica tem em vista mostrar que o evento em causa não foi 'uma questão de acaso', mas era de esperar em virtude de certos antecedentes ou condições simultâneas. A expectativa referida não é profecia nem adivinhação, antes antecipação científica racional que se baseia na admissão de leis gerais."(2)

A diferença em relação às ciências da natureza reside no fato de a maior parte das explicações históricas (e sociológicas) não explicitarem suas hipóteses universais. Isto ocorre ou porque elas dizem respeito, frequentemente, à psicologia individual ou social que, em decorrência da experiência cotidiana, se supõe familiar a todos, ou pela dificuldade em torná-las precisas e sujeitas à comprovação empírica.

(1) Ibid., p.425

(2) Ibid., p.426

Dai, na maioria das vezes, as explicações históricas se apresentarem como um esboço de explicação (o que não deve ser confundido com pseudo-explicação).

"Consiste esse esboço numa indicação mais ou menos vaga das leis e das condições iniciais consideradas relevantes, e precisa de um 'enchimento' para se transformar numa explicação perfeita. Este enchimento exige novas pesquisas empíricas, cuja direção é sugerida pelo esboço."(1)

A partir dessa concepção unitária em relação à explicação científica, Hempel critica as pretensões hermenêuticas (em especial as de Dilthey) de estabelecerem um método específico para as ciências do espírito. Ele define este método como 'compreensão empática' e apresenta-o do seguinte modo:

"Diz-se então que o historiador se imagina no lugar das pessoas implicadas nos eventos que pretende explicar; que procura compreender o melhor possível as circunstâncias em que agiram, e os motivos que influenciaram as suas ações; e que é por meio desta auto-identificação imaginária com os seus heróis que ele chega a uma compreensão e assim a uma explicação adequada dos eventos de que se ocupa."(2)

Embora o método da compreensão empática possa ser, frequentemente, usado em história, ele teria muito mais uma função heurística que explicativa, não garantindo, portanto, o rigor da explicação histórica a que conduz. Suas garantias residiriam apenas na possibilidade de

(1) Ibid., p.429

(2) Ibid., p.431

correção fatural das generalizações empíricas que sugere. Ele não seria nem mesmo indispensável para a correção da explicação.

"...o que conta é a solidez das hipóteses gerais em causa, quer elas tenham sido sugeridas por empatia quer por um método que estritamente se refira ao comportamento."(1)

A concepção neo-positivista de ciência exerceu grande influência sobre diversas leituras epistemológicas da Psicanálise. A partir dela, muitos autores pensaram a psicanálise como sendo uma ciência natural, alguns criticaram tal pretensão, e outros tentaram, ainda, transformá-la em ciência natural.(2)

Psicanálise como ciência da natureza

Hartmann, em seu artigo "Psychoanalysis As a Scientific Theory"(3), pretende que a psicanálise seja uma teoria científica entendida como ciência natural. Freud teria mantido contato direto com o método experimental e estaria sob a influência intelectual dominante da teoria evolucionista e da filosofia da ciência ligada às ciências naturais:

(1) Ibid., p.432

(2) A exposição que se segue, bem como a posterior, que se refere aos autores que pensam a psicanálise como ciência do espírito, tem como referência o debate travado na década de 50 nos Estados Unidos, envolvendo partidários do positivismo lógico e da filosofia analítica (dois últimos momentos de Apel). Esse debate foi utilizado por Ricoeur no livro *De l'Interprétation*, para explicitar sua posição.

(3) *Psychoanalysis, Scientific Method and Philosophy*, p.3-37

"O caráter heurístico e o valor das hipóteses eram bem conhecidos por ele assim como o papel de conceitos e postulados básicos."(1)

Os principais fundamentos da teoria psicanalítica seriam fornecidos pelo método científico. Na situação de análise, seriam colhidos dados comportamentais com a finalidade de explorarem, por exemplo, o comportamento verbal dos pacientes. Não se trata, contudo, de behaviorismo uma vez que as diferenças entre ele e a psicanálise são claras para Hartmann, principalmente no que se refere às suas primeiras formulações.

"...a análise pretende obter uma explicação do comportamento humano; os dados, contudo, são interpretados na análise em termos de processo mental, motivação, significado..."(2)

Hartmann indica-nos a possibilidade de uma parte das proposições psicanalíticas poder ser testada, fora da análise, pela observação direta de crianças e pela pesquisa em laboratório, com animais. Outro sinal da veracidade das proposições psicanalíticas seria sua utilização na medicina e na psicologia infantil assim como na antropologia e em outras ciências sociais.

No método psicanalítico, a predição também teria um papel significativo para a confirmação de hipóteses, visto que as hipóteses analíticas, ao anteciparem, por exemplo, as reações dos pacientes, poderiam ser confirmadas pela experiência clínica. Estas predições também

(1) Ibid., p.17

(2) Ibid., p.21

poderiam ser "predições do passado", isto é, "reconstruções do passado que podem ser, com frequência, confirmadas com surpreendente detalhe..".(1)

O fato de as observações dos analistas serem feitas em ambiente clínico é importante para o desenvolvimento científico da psicanálise. Segundo Hartmann, o objeto psicanalítico seria estudado em situação de vida real onde o paciente seria menos resistente devido à motivação e à disponibilidade em decorrência de suas necessidades. Os casos clínicos mostrariam:

"...o constante auxílio mútuo entre observação e formação de hipóteses, a formação de proposições definitivas, que tornam nosso conhecimento testável, e as tentativas de validá-las ou invalidá-las."(2)

Por conseguinte, certo aspecto do trabalho do analista explicitaria a validade das hipóteses psicanalíticas que, contudo, não dependeriam apenas do sucesso terapêutico. Seriam igualmente importantes:

"...a observação e a sequência de dados, a tentativa de interpretação (a procura de elementos comuns em tais sequências) e seu controle através de material subsequente (e passado)."(3)

Desse modo, Hartmann assumiu uma perspectiva positivista, ao tomar as ciências naturais como modelo, priorizando três aspectos na análise da teoria freudiana: a observação como fonte e teste da teo-

(1) Ibid., p.22

(2) Ibid., p.27

(3) Ibid., p.32

ria, a possibilidade de aplicação da teoria enquanto justificativa para si mesma e, por fim, a possibilidade de haver predição, também pensada no contexto da justificação.

A tentativa de aproximação entre psicanálise e ciências naturais não deixa, todavia, de ser problemática. O próprio Hartmann aponta algumas das dificuldades que se colocam no caminho de uma ciência psicanalítica: a) A falta de explicitação dos diferentes graus de confirmação "das várias partes da rede complexa de hipóteses psicanalíticas"(1); b) o uso de modelos metodológicos não tradicionais, responsáveis, em parte, pela falta de exatidão metodológica da análise; c) a novidade da psicanálise tanto do ponto de vista da linguagem conceitual quanto do conteúdo e dos problemas metodológicos por ela colocados; d) os fatos conhecidos parecem frequentemente entrar em confronto com descobertas feitas em situação analítica; e) a limitação de seu potencial preditivo, devido ao grande número de fatores determinantes; f) o envolvimento do observador e a possibilidade de erro nas percepções e nos juízos, devido a suas necessidades, a seus desejos, a seus estados afetivos, etc.

Tais dificuldades, no entanto, não diminuiriam o estatuto de cientificidade da psicanálise nem a retirariam do lado das ciências naturais. Assim, Hartmann parece não levar muito a sério as dificuldades que ele próprio apontou. Elas indicam características específicas do método analítico (que não é o método experimental da física) e

(1) Ibid., p.17

apontam, na verdade, para os limites de uma abordagem positivista. Deveriam ser suficientes, portanto, para se desconfiar da possibilidade de avaliar a psicanálise a partir de critérios e articulações internas e não a partir de parâmetros externos a ela, como o das ciências naturais. A abordagem de Hartmann parece levar-nos a uma compreensão equivocada e parcial dos fundamentos da psicanálise. Sem atingir os objetivos a que o autor se propõe, torna-o sujeito a críticas por parte de epistemólogos das ciências naturais.

Por exemplo, Nagel - importante representante do positivismo lógico -, em seu artigo "Methodological Issues in Psychoanalytic Theory"(1), critica essa tentativa de se conceber a psicanálise como ciência natural.

Ele entende que, se a psicanálise é, como quer Hartmann, uma teoria do comportamento humano, no mesmo sentido que uma teoria das ciências naturais, ou seja, "um conjunto de hipóteses que sistematizam, explicam e predizem certos fenômenos observáveis"(2), ela deve submeter-se aos mesmos critérios usados na avaliação das ciências naturais. Para tanto, há dois grupos de questões interligadas: 1. Sua estrutura lógica e seu conteúdo empírico; 2. a natureza geral da evidência usada em seu apoio.

O primeiro grupo indicaria dois requisitos, não satisfeitos pela psicanálise, de validação empírica de teorias. Em primeiro lugar, ela

(1) Ibid., p.38-56

(2) Ibid., p.38

não teria conteúdo definido e suas afirmações não poderiam ser confirmadas, visto que, a partir de suas proposições, não seria possível deduzir consequências determinadas, tomando-se como base apenas considerações lógicas, sem examinar seus dados empíricos.

Em segundo lugar, as noções teóricas da psicanálise não se relacionariam ao material empírico sem ambiguidades, dado à inexistência de "regras de correspondência" que permitiriam essa ligação.

Assim, a teoria freudiana parece a Nagel ser deficiente e violar o seguinte corolário resultante dos dois requisitos:

"... uma teoria não deve ser formulada de tal maneira que possa sempre ser reconstruída e manipulada assim como explicar quaisquer que sejam os fatos ocorridos, não importando se observações controladas mostram que se deve obter um estado de coisas ou o seu oposto." (1)

No segundo grupo de questões, Nagel analisa a evidência obtida pela teoria freudiana em decorrência da entrevista psicanalítica (método analítico). Ele não se preocupa tanto com a origem das hipóteses a partir de dados clínicos, mas sim com a lógica de sua validação, ou seja, com o fundamento da validade das "interpretações" propostas pelos analistas ao sujeito em análise. Em relação a isso, o autor aponta muitas dificuldades (2): a) A intervenção do analista não estaria aberta a exame público minucioso; b) mais de uma interpretação coerente poderia ser colocada aos dados informados pelo sujeito; c) predi-

(1) Ibid., p.40

(2) Ibid., p.49-54

ções pensadas, como, por exemplo, as reações do paciente, não constituiriam, por si só, uma confirmação crítica da teoria; d) a tese de que a interpretação dependa de leis enquanto apoio objetivo não se configuraria como possível; e) o sucesso terapêutico não garantiria a adequação da teoria; f) não seria evidente que as dificuldades atuais de um paciente tenham suas fontes na infância.

Essas dificuldades, algumas das quais já apontadas por Hartmann, foram suficientes para que Nagel (ao contrário do primeiro) questionasse as pretensões de cientificidade da psicanálise. Segundo ele, a psicanálise não satisfaz os requisitos mais elementares de uma teoria científica, isto é, ela não poderia reivindicar a existência de provas fatuais a seu favor ou contra ela.

Outros autores, ainda sob a influência do positivismo e com o objetivo de salvar a psicanálise, procuraram aproximar a teoria psicanalítica da psicologia acadêmica. Albert Ellis, por exemplo, em "An Operational Reformulation of some of the Basic Principles of Psychoanalysis"(1), pretende mostrar que os princípios essenciais da psicanálise podem ser reformulados em linguagem operacional, sem, contudo, limitar-se ao operacionalismo estrito de Bridgman, visto que as teorias psicológicas exigiriam um operacionalismo modificado, mais flexível.

Ellis enumera algumas das características que tornariam seu operacionalismo mais liberal: a confirmação da teoria precisa ser apenas

(1) Minnesota Studies, p.131-154

parcial; é conveniente usar constructos hipotéticos; não é necessário reformular teorias psicológicas e psicanalíticas em linguagem neurofisiológica; é possível formular hipóteses consideravelmente criativas, etc. Mas um requisito não poderia deixar de ser cumprido:

"...ou seja, que em algum momento da análise, embora na maior parte indiretamente e através de uma longa rede de constructos intervenientes, uma afirmação ou hipótese deva, de alguma maneira (ou em princípio), ser confirmada, isto é, seja capaz de estar significativamente ligada ou correlacionada a alguma espécie de observável. O que, consequentemente, a desviará da pura especulação metafísica, mas mantendo-a amplamente aberta a quaisquer outras hipóteses."(1)

Apesar de apresentar um operacionalismo mais liberal, Ellis, quando o aplica à psicanálise, acaba por adotar uma versão mais restrita, motivado pelas próprias características da teoria freudiana. Ele reformula conceitos psicanalíticos (id, ego, superego, eros, etc.) numa linguagem (vocabulário básico) derivada daquilo que considera como sendo os dois observáveis ou fatos -- percepção e resposta. Nestes dois conceitos empíricos, poder-se-iam ancorar "todos os outros constructos necessários e úteis a um conjunto psicodinâmico de princípios do comportamentos humano."(2)

Ellis, ao tentar salvar a psicanálise, transforma-a naquilo que ela não é, ou seja, em uma psicologia do comportamento nos moldes das

(1) Ibid., p.135

(2) Ibid., p.137

exigências positivistas. Ele não leva em conta, por exemplo, o papel fundamental que a questão do "sentido" (compreensão) desempenha na obra de Freud. Tal tipo de leitura, ao desconsiderar a especificidade da psicanálise, contribui mais para gerar confusão do que para propiciar um conhecimento preciso da obra freudiana.

b3. O terceiro momento da díada : a influência da filosofia analítica

Os argumentos reducionistas do positivismo lógico adquiriram tal prestígio que, conforme nos indica Apel, teriam inibido, por um tempo, a controvérsia epistemológica entre positivismo e hermenêutica. Isso não significa, porém, que não houvesse, paralelamente, uma produção hermenêutica. Mas a oposição mais sistemática ao positivismo lógico, pelo menos no que se refere à preocupação epistemológica, teria ocorrido sob a influência da filosofia da linguagem.

No terceiro momento, são oferecidos modelos alternativos de explicação ao modelo padrão de explicação causal. Ele surgiria a partir de uma certa evolução do popperianismo, de determinadas correntes Neo-Wittgensteinianas, e de autores inspirados em Collingwood, Max Weber e até em Merleau Ponty.(1)

Entre os modelos alternativos de explicação causal, que repercutiram sobre as leituras da psicanálise, podemos indicar três: 1. O de Toulmin e Flew, que entendem a psicanálise como uma ciência do espí-

(1) The Erklären-Verstehen controversy..., p.23

rito; 2. O de Ricoeur (primeiro Ricoeur) que tenta superar a dicotomia explicação/compreensão; 3. O modelo de explicação teleológica de Von Wright e Ricoeur (segundo Ricoeur), que considero a tentativa mais bem sucedida de superação dessa diáda.

Psicanálise como ciência do espírito

Ao lado das tentativas e das questões decorrentes de se pensar a psicanálise como ciência natural, Ricoeur assinala dois autores que, sob a influência da filosofia da linguagem, inspirada no segundo Wittgenstein, a entendem enquanto ciência do espírito: Toulmin e Flew.

O primeiro, no artigo "The Logical Status of Psycho-Analysis" (1), indica três tipos de explicações da conduta humana (razão alegada, razão relatada e explicação causal) e as compara à explicação psicanalítica, na expectativa de poder precisá-la. Embora, para Toulmin, a explicação psicanalítica esteja a igual distância das três e ele estude a relação entre ela e cada uma das outras, deter-me-ei nas semelhanças estabelecidas entre explicação psicanalítica e explicação causal. Acredito que isto seja suficiente para explicitar os argumentos que levam Toulmin a considerar a psicanálise como "ciência do espírito."

O que a explicação típica psicanalítica teria em comum com a explicação causal é que, por exemplo, no caso da neurose, ela deveria incluir uma plausível "história causal"(2). Os fatos da vida infantil

(1) *Philosophy and Analysis*, p.132-139

(2) *Ibid.*, p.137

seria suficientes para conduzir a uma neurose. Toulmin, entretanto, aponta uma diferença importante: na explicação psicanalítica, a "história causal" não precisa, necessariamente, referir-se a fatos autênticos. Bastaria observar o procedimento do analista, ou seja, sua indiferença em relação ao conteúdo proposicional do que é dito na sessão, para se tornar óbvio que ele se refere mais a motivos do que a causas.

"Ele é amplamente indiferente ao que testemunhas independentes têm a dizer sobre a vida infantil do paciente: o que conta é o que o próprio paciente diz sobre ela... o terapeuta psíquico começa pelo estudo dos motivos mais do que pelas causas do comportamento neurótico."(1)

O sucesso terapêutico não remeteria a uma explicação causal, pois a técnica terapêutica se assemelha mais a uma "técnica de dar 'razões' para ações"(2); entretanto, quando a explicação analítica é correta, a cura ocorre inevitavelmente. Segundo Toulmin:

"...a falha terapêutica é tão fatal para uma explicação em psicanálise como uma falha preditiva é para uma explicação em Física."(3)

Antony Flew, em "Psychoanalytic Explanation"(4), pretende sustentar e desenvolver o que ele entende como sendo a tese principal de

(1) Ibid., p.138

(2) Ibid.

(3) Ibid.

(4) Ibid., p.139-140

Toulmin: Freud teria introduzido uma técnica ao "estudar os motivos e não as causas do comportamento neurótico."(1)

Haveria, segundo Flew, uma incompatibilidade entre o Freud prático e o teórico. O prático buscava e admitia motivos, propósitos, interpretações de significados do comportamento neurótico e sabia o que fazia quando psicanalisava. A psicanálise, enquanto prática, era, portanto, digna de elogios. O teórico, ao refletir sobre o seu fazer (teorizar, generalizar), pensava estar tratando com causas eficientes do comportamento, acreditava ter inferido a existência de alguma coisa oculta, ou seja, a existência de processos inconscientes responsáveis pelas ações obsessivas. Contudo, isso era extremamente questionável.

Flew critica o Freud teórico por não se dar conta de que a suposição de processos mentais inconscientes, como causas eficientes das neuroses, introduziria "uma multiplicação gratuita de entidades duvidosas"(2). Seriam duvidosas por serem fracas como causas eficientes de acontecimentos tão "reais e palpáveis"(3); seriam gratuitas porque já existem outras causas rivais e melhores que cumpririam esta função, por exemplo, "os milhões de neurônios do sistema nervoso."(4)

As explicações psicanalíticas seriam, por conseguinte, explicações de motivo e não explicações causais.

"Parece que a descoberta freudiana da mente inconsciente, dos processos mentais inconsciente,

(1) Ibid., p.140

(2) Ibid., p.143

(3) Ibid.

(4) Ibid.

não deveria ser interpretada como uma descoberta de causas eficientes procuradas, mas muito mais como a descoberta de que o comportamento humano, especialmente o comportamento humano neurótico, é motivado, ou melhor, pode ser explicado em termos de motivos..."(1)

Flew também entende que as explicações de motivo não são substitutos provisórios de explicações neurológicas futuras que poderiam, um dia, ser reduzidas. Elas seriam radicalmente diferentes de explicações causais, pois os motivos, ao contrário das causas eficientes, não são substanciais. Uma parte do comportamento pode ser motivada e causada, mas não há tradução possível entre os dois tipos de linguagem, uma vez que motivos, mas não causas, podem ser bons, maus, racionais, puros, etc. Aliás, os romancistas, sendo pessoas que se interessam mais por propósitos, intenções e desejos humanos, seriam mais atraídos pela psicanálise do que pela psicologia experimental.

Flew (e, por tabela, Toulmin), como considera incompatível o Freud prático com o teórico, resolveu desconsiderar o segundo, priorizando, portanto, a questão da interpretação em detrimento da teoria do aparelho psíquico. O problema de sua leitura é o de acreditar que seja possível a separação entre a teoria e a prática. Há, de novo, mais um esforço na tentativa de modificar a psicanálise e não de compreendê-la, ou seja, também aqui ela deveria conformar-se a uma determinada concepção filosófica.

As opiniões de Toulmin e Flew não são consensuais no interior

(1) Ibid., p.145

da filosofia analítica, onde há pensadores com uma orientação mais positivista que defendem um único modelo de explicação (a causal). É o caso de Peters, mencionado por Ricoeur, que em "Cure, Cause and Motive" (1) critica os dois filósofos mencionados. Para Peters, na psicanálise estão presentes os dois tipos de explicação, embora a diferença entre eles não seja essencial, mas apenas de grau de generalidade.

Acredito que o problema da leitura de Toulmin e de Flew esteja em desprezar a Metapsicologia, amputando, portanto, a teoria freudiana de uma parte bastante significativa. Se eles têm razão, A Interpretação dos Sonhos deveria ter apenas seis capítulos; o último seria fruto de um notável engano metodológico por parte de Freud.

A tentativa de repensar a relação Explicação/Compreensão

Um outro modelo de explicação causal é o de Ricoeur (2), que pretende superar a dicotomia explicação/compreensão. Na psicanálise, estariam presentes termos energéticos (força, pulsão, recalque, etc.) e termos hermenêuticos (interpretação, intenção, sentido, etc.) que pareceriam remeter respectivamente às ciências naturais e às ciências humanas. Em consequência, haveria uma problemática que atravessaria a leitura e a compreensão da obra de Freud: Como entender, no decurso da psicanálise, essa dupla presença aparentemente contraditória? Qual a

(1) Ibid., p.148-154

(2) O Conflito da Interpretações e De l'Interprétation

relação entre força e sentido? Que posição ocupa a psicanálise nesse debate metodológico?

Ricoeur vê o discurso freudiano como um discurso misto, ou seja, como um discurso que articula questões de sentido e questões de força. Haveria, porém, entre os dois, uma aparente (dado que superável) aproximação:

"Sua descoberta [a de Freud] mantém-se no plano dos efeitos de sentido, mas ele continua a expô-la na linguagem e na conceituação do energetismo de seus mestres de Viena e de Berlim."(1)

Não se trata, na opinião de Ricoeur, de escolher entre uma teoria do sentido e uma teoria dos processos psíquicos. O freudismo seria a recusa dessa alternativa. Freud tentaria ultrapassar o afastamento dessas duas ordens do discurso e o conseguiria apenas nos ensaios de *Metapsicologia* (1915).

Inicialmente, no "Projeto...", de 1895, teríamos uma "energética sem hermenêutica"(2). A representação mecanicista (influência de seu meio científico) dominaria e o aparecimento da interpretação (decifração de sintomas) seria incipiente, o que, entretanto, não afetaria a articulação das teses do Projeto.

Como a interpretação teria permanecido dissimulada no texto do "Projeto...", o trabalho teórico de explicação apareceria como algo independente do trabalho concreto do analista.

(1) *O Conflito das Interpretações*, p.142

(2) *De l'Interprétation*, p.79

"...a interpretação dos sintomas, emprestada às neuroses de transferência, guiava a construção do sistema, sem ser ela mesma tematizada no interior do sistema."(1)

As coisas seriam diferentes em "A Interpretação dos Sonhos", onde a explicação (capítulo VII) se subordinaria à interpretação: o capítulo VII deveria explicar teoricamente o que a interpretação forneceu.

"...a explicação sistemática é reconduzida ao fim de um trabalho efetivo, cujas próprias regras são elaboradas. Ela é expressamente destinada a transcreever graficamente o que se passa no 'trabalho do sonho', que não é ele próprio acessível senão e pelo trabalho de interpretação."(2)

As teses do capítulo VII se filiariam mais ao "Projeto...", de quem seriam herdeiras, do que aos capítulos I a VI. Deste modo, essas teses seriam um tanto exteriores ao "desenvolvimento orgânico da obra"(3), sem se coordenarem com o restante da mesma.

"A Interpretação dos Sonhos não foi bem sucedida em fundir de maneira inteiramente harmoniosa a teoria herdada do Projeto e os conceitos desenvolvidos pelo trabalho de interpretação." (4)

Para Ricoeur, esta harmonia (sinal de maturidade) só acontece nos ensaios de Metapsicologia, onde o ponto de vista tópico-econômico é sistematizado (1ª tópica) e a articulação entre pulsão (força) e representação (expressão psíquica, sentido) reintegra o inconsciente na

(1) Ibid., p.96

(2) Ibid.

(3) Ibid., p.120

(4) Ibid.

"circunscrição do sentido". Nela, força e sentido se ligariam numa "semântica do desejo".

"A pulsão só é acessível em seus rebentos psíquicos, em seus efeitos de sentido, mais precisamente nas distorções de sentido. Eis por que a pulsão advém à linguagem em seu representante psíquico, tornando possível interpretar o desejo, embora este, enquanto tal, permaneça indizível."(1)

Esta concepção de Ricoeur sofre várias críticas. Monzani, em "Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico" (2), observa que a interpretação dada por Ricoeur aos textos psicológicos é habilidosa, mas "pouco verossímil". Ele teria eliminado, do psíquico, o econômico, efetuado uma separação entre "expressão psíquica da energia", que estaria no domínio do sentido, e energia, que estaria confinada ao plano somático. Deste modo, as oposições manteriam:

"...de um lado, a quantidade, a energia, o jogo cego das forças, que só têm direito de cidadania no plano somático, nesse reino do mecanicismo; de outro lado, o psíquico, com suas representações, suas articulações e suas concatenações de sentido, sua intencionalidade e a consequente possibilidade de uma leitura e de uma decifração."(3)

Ricoeur, que, inicialmente, teria se proposto a recusar esta alternativa, manteria a aparente aporia na medida em que, no plano psíquico, só vigoram "leituras e interpretações de sentido, tudo o mais

(1) O Conflito das Interpretações, p.143

(2) Novos Estudos nº20, p.119-136

(3) Ibid., p.128

ficando confinado ao plano somático.”(1)

Michel Tort, em “De l’Interprétation ou la Machine Herméneutique” (2), também critica Ricoeur. Para Tort, a visão de Ricoeur introduz uma dicotomia (energética-hermenêutica) ausente no texto de Freud, que seria, entretanto, essencial para fazer do freudismo uma “teoria da motivação e uma ciência exegetica”(3). Não haveria dois tipos de discurso mais ou menos contraditórios em Freud. A dialética instalada por Ricoeur transformaria a metapsicologia em reflexo deformado de uma interpretação do sentido. Contudo, essa dicotomia não seria gratuita:

“A única função desta fenda introduzida no pensamento de Freud seria a de preparar o anúncio, o indício da hermenêutica tradicional e de sua progressiva apoteose no curso da obra; sua única natureza, o aparelho ideológico que a sustenta e que se explicitará; seu único fim, o de circunscrever e de encerrar a psicanálise numa região do espaço imaginário da hermenêutica; seu único resultado prático, enfim, o de esvaziar todos os conceitos freudianos de sua substância ao reconduzi-los ao esqueleto de oposições arbitrárias” (4)

Para além da aporia força-sentido e da cisão ciência natural-ciência do espírito

Na exposição feita, procurei mostrar a polêmica, em torno do es-

(1) Ibid.

(2) Les Temps Modernes, p.1460-1496 (fevereiro) e p.1628-1652 (março) - 1966

(3) Ibid., p.1477

(4) Ibid.

tatuto científico da psicanálise, que se deu entre filósofos e psicólogos no meio anglo-saxão. Para tanto, tomei como referência a reconstrução feita por Ricoeur. Na sua obra, ele pretende defender a sua tese sobre a psicanálise enquanto uma superação daquelas apresentadas pelos autores estudados. Contudo, tanto o trabalho de Monzani quanto o de Michel Tort denunciavam uma série de inconsistências na leitura realizada por Ricoeur da obra freudiana.

Por outro lado, acredito que as dificuldades com as diversas interpretações estudadas decorrem de desconsiderarem aspectos fundamentais da teoria freudiana. Assim, elas parecem-me incompletas, unilaterais, incapazes de dar conta da articulação interna da obra freudiana.

Passo, então, a investigar uma outra possibilidade, que me parece ser mais completa e esclarecedora para a compreensão da teoria psicanalítica. Ela é sugerida por autores como Taylor e Ricoeur (este em seus textos mais recentes) (1). Inspira-se, principalmente, no modelo de explicação teleológica de Won Wright (2), autor que, na opinião de Apel, ofereceu a formulação mais abrangente em termos de aplicação metodológica.

A explicação teleológica surge como uma tentativa de resolver o problema da relação entre intenção e ação, ou seja, como tentativa de esclarecer o tipo de causalidade que estaria presente na ação humana. Conforme nos indica Ricoeur em "Du texte a l'action", a discussão cen-

(1) Respectivamente *Sens et Existence*, p.124-136 e *Du texte a l'action*, p.161-182

(2) *Explanation and Understanding*

tra-se em torno do conceito de causa. Do lado explicativo, temos o modelo humeano, que supõe tanto a possibilidade de se identificar separadamente causa e efeito como o caráter contingente da relação. O termo 'causa' é entendido, de acordo com Hume, como relação entre acontecimentos independentes que se manifestam na natureza:

"...para este, a relação entre causa e efeito implica que os antecedentes e os consequentes sejam logicamente independentes, quer dizer, susceptíveis de serem indicados separadamente (se um fósforo acende um explosivo, posso, perfeitamente, descrever o fósforo sem descrever a explosão). Não há, pois, ligação lógica de implicação entre causa e efeito."(1)

Essa posição está presente nos trabalhos de Davidson, onde a intenção de um agente e sua ação intencional constituem dois acontecimentos estanques e, logicamente, independentes. Haveria, portanto, entre eles, uma relação de causalidade no sentido humeano, isto é, ambos os acontecimentos poderiam ser subsumidos a uma lei empírica geral.

Para Von Wright, a relação não é causal, mas lógica, ou seja, a intenção de um agente e sua ação intencional estão conceitualmente conectadas, são relações lógicas intrínsecas. Essa posição é assim descrita por Ricoeur:

"Não posso identificar um projeto sem mencionar a ação que farei; há, aí, uma ligação lógica e não causal (no sentido de Hume). Do mesmo modo, não posso enunciar os motivos de minha ação sem os vincular à ação da qual eles são motivos. Há,

(1) Du texte a l' action, p.170

pois, uma implicação entre motivo e projeto, que não entra no esquema da heterogeneidade lógica de causa e efeito.”(1)

Para ser teleologicamente explicável, o comportamento deve ser compreendido de modo intencional. Há, então, compatibilidade entre explicação causal e teleológica, dado que elas não apresentam **explanandum**. Por um lado, o que se explica são acontecimentos naturais e, por outro, o que se explica teleologicamente são ações já interpretadas como intencionais. Ilustra-se e justifica-se essa posição de Von Wright através do exemplo dado por Ricoeur:

“Suponhamos que levantar o braço é verdadeiramente algo que eu posso. Dizer: o meu braço permanece imóvel a não ser que eu o levante, é a expressão em termos de necessidade lógica do meu poder. Suponhamos que um fisiologista observa o meu cérebro e trata o movimento do braço como o efeito de um acontecimento nervoso e enuncia a relação em termos de necessidade natural. Mas que relação existe entre os dois enunciados? A relação é puramente contingente. Por conseguinte, sem conflito. Pois está excluído que eu possa levantar o meu braço como uma ação que faço e ao mesmo tempo observar o movimento como a operação de uma causa, porque observar é deixar que a causa opere: ‘há aqui um ponto de lógica(‘gramatical’): quando o observo, **deixo** as coisas acontecer. Quando ajo, **faço-as** acontecer. É uma contradição nos termos deixar de e fazer a mesma coisa na mesma ocasião. Eis porque ninguém pode observar as causas dos resultados das suas próprias ações de base’.”(2)

A compatibilidade, defendida por Von Wright, coloca-o numa posi-

(1) Ibid.

(2) O Discurso da Ação, p.128

ção contrária ao reducionismo dos positivistas e aponta para uma solução que harmoniza duas posições tradicionalmente incompatíveis. Isto nos sugere que poderia haver uma leitura da obra freudiana onde desapareceria a separação e a contradição entre força e sentido. Em consequência, não haveria privilégio de um pólo em relação ao outro. Para explicitar a minha crença de que força e sentido não constituem uma aporia e que a alternativa entre ciência natural/ciência do espírito não seria adequada para localizar a psicanálise, tomarei o texto da primeira edição da "Interpretação dos Sonhos" como estudo de caso (1).

Este texto clássico é muito sugestivo para o tipo de discussão proposta, pois, como veremos a seguir, devido ao modo como é apresentado, à primeira vista, parece indicar-nos uma separação entre "força" e "sentido", que favoreceria o sentido como quer o primeiro Ricoeur. Essa impressão, entretanto, resulta de uma leitura equivocada, como procurarei mostrar. Mesmo após uma análise mais detalhada, não encontrei nenhuma afirmação de Freud que tivesse de abandonar ou reformular, como ocorria, com frequência, nos textos estudados no decorrer dessa introdução.

Tal impressão equivocada pode surgir logo no início da leitura da obra. Tomemos, como objeto de análise, o primeiro parágrafo do primeiro capítulo de "A Interpretação dos Sonhos", em que Freud descreve como desenvolverá seu tema. Podemos dividi-lo em três partes, correspondentes, respectivamente, a três momentos fundamentais de "A Interpre-

(1) Usarei como apoio outros textos de Freud: "O Projeto..." e "Sobre os Sonhos"

ção dos Sonhos”.

1. Nas páginas seguintes, demonstrarei que existe uma técnica psicológica que permite interpretar sonhos, e que pela aplicação deste procedimento, todo sonho aparece como uma formação psíquica privada de sentido a que cabe assinalar um lugar determinado na vida animica de vigília.
2. Tentarei, além disso, aclarar os processos que dão ao sonho o caráter de algo alheio e irreconhecível,
3. e daí remontarei à natureza das forças psíquicas de cuja ação, conjugada ou contrária, nasce o sonho.” (1)

Podemos constatar que “sentido” e “força” aparecem, respectivamente, nas primeira e terceira partes, mediados pela questão dos processos que dão ao sonho a aparência de algo irreconhecível (segunda parte). Esta separação, que corresponde a uma outra na exposição da “Interpretação dos Sonhos”, pode sugerir um corte entre a dimensão do “sentido” e a dimensão da “força”, presente na leitura efetuada por Ricoeur. Pretendo mostrar que tal separação é apenas aparente.

Na primeira parte da “Interpretação dos Sonhos”, do capítulo I ao IV, a atividade interpretativa revela o sentido do sonho e nos ensina

(1) A divisão em parágrafos e os grifos são meus.

que a narrativa do sonhador deve ser geralmente tomada como conteúdo manifesto do sonho. Na realidade, ela é um disfarce intencional, produzido pelo recalque. Como veremos, o recalque explicita-se a partir de uma teoria da força. A interpretação de que algo foi recalcado já pressupõe, todavia, uma teoria do aparelho psíquico. Se as coisas forem realmente assim, a interpretação que nos revela o sentido já supõe o jogo de forças. Desse modo, na primeira parte do texto, já estariam presentes - ainda que de forma implícita - as outras duas.

Na segunda parte, correspondendo aos capítulos V e VI, (principalmente ao VI - elaboração onírica), são descritos os processos responsáveis por esta distorção intencional. Embora tais processos sejam responsáveis pela distorção intencional do sentido, ou seja, pelo contra-senso, não podem ser pensados independentemente de uma teoria do aparelho psíquico.

Na terceira parte, que corresponde ao capítulo VII, é exposta, de forma explícita, a teoria do aparelho psíquico, mostrando-se como se operam os processos de distorção. Esses processos de distorção intencionais são explicados a partir do jogo de forças que os produz e da intencionalidade presente nas atividades do aparelho psíquico.

Em consequência da articulação que entendemos existir entre força e sentido, podemos afirmar, conforme uma perspectiva proposta por Ricoeur mais recentemente, que "explicar" e "compreender" não constituem "pólos de uma relação de exclusão, mas momentos relativos de um pro-

cesso complexo, que se pode chamar interpretação"(1). O que parece sugerir que na "Interpretação dos Sonhos", essa articulação se presentifica no momento da interpretação do sonho, onde, ao dar-se o sentido, explica-se sua perda aparente de forma teleológica, através da teoria do aparelho psíquico.

Como acredito que Freud construiu sua teoria do aparelho psíquico a partir da tese de que o conteúdo manifesto seria uma distorção (perda do sentido), e não a partir de como se produziria o sentido, ele pôde conceber o sonho como uma via de acesso privilegiada ao estudo do aparelho psíquico. Isto justificaria o fato de, na sua exposição, o aparelho ser apresentado por último.

Como o patológico só pode ser entendido a partir do normal, conforme bem nos ensina o Projeto de 1895, investigarei, em primeiro lugar, como se daria a produção do sentido na teoria freudiana. Em seguida, veremos como uma leitura pelo sentido poderia apontar para uma hermenêutica, se considerássemos a teoria freudiana em sua ruptura com as teorias científicas dominantes em sua época e a filiação de seu método à atividade interpretativa da clínica. Essa impressão irá desfazer-se quando nos dermos conta de que a consideração do sonho enquanto distorção aponta, necessariamente, para uma teoria do aparelho psíquico onde força e sentido são duas dimensões fundamentais e inseparáveis.

(1) Du texte à l'action, p.162

CAPÍTULO I - A PRODUÇÃO DO SENTIDO NO APARELHO PSÍQUICO

Afirmar que a atividade do aparelho psíquico é dotada de sentido é afirmar que ela se 'orienta para certos fins' - pois não há sentido sem finalidade - ou, se quisermos, que ele funciona teleologicamente, mesmo que esses fins, por serem ocultos, não sejam identificados a primeira vista. Como veremos, a finalidade fundamental que orienta o funcionamento do aparelho psíquico, desde o seu momento primitivo até o pleno desenvolvimento, é a busca do prazer em sua forma originária, o que pode ser explicado pela sua constituição.

a. A busca do prazer regula a atividade primária do aparelho psíquico

O esquema do aparelho psíquico proposto por Freud (1) diz respeito ao aparelho plenamente constituído (produto de um longo desenvolvimento), cujos elementos e mecanismos devem ser entendidos a partir da sua forma mais primitiva de funcionamento, ou seja, a partir de um "aparelho psíquico primitivo".

O aparelho primitivo foi concebido segundo o esquema do arco-reflexo da neurofisiologia, onde se supõe um elemento receptor (sensorial) de excitações, por meio do qual se introduzem quantidades de energia que, pelo seu acúmulo, geram tensão, e um elemento motor, através do qual se dá uma descarga imediata dessa energia, principal-

(1) Este esquema será analisado no capítulo III deste trabalho.

mente por evasão ou fuga. A atividade do aparelho estaria regulada pelo esforço de, mediante descarga motora (mecanismos musculares), evitar o acúmulo de excitações externas e manter-se isento das mesmas (tensão zero), à medida em que são introduzidas no sistema. Neste caso, a descarga equivale à excitação inicial, sendo a quantidade gerada suficiente para garantir a sua própria descarga.

O aparelho receberia, também, estímulos internos, como no caso das grandes necessidades corporais (fome, respiração e sexualidade) que, decorrentes do aumento da complexidade interior do organismo, teriam levado o aparelho a desenvolver-se, ou seja, a sair dessa etapa originária. As necessidades também produziriam excitações (estímulos) que introduzem no aparelho psíquico quantidades de energia geradoras de tensão interna, tensão esta que não pode ser descarregada do mesmo modo que as excitações externas, ou seja, imediatamente.

As excitações produzidas pelas necessidades corporais buscariam descarga motora através, inicialmente, de reações não específicas, ou seja, "alterações internas" ou "expressão emocional", como, por exemplo, choro e pontapés por parte do bebê. Tais reações não teriam êxito porque as excitações internas, diferentemente das externas, que atuam por choques momentâneos, continuariam a somar-se de forma contínua. A acumulação da excitação geraria uma tensão específica no organismo vivenciada como desprazer. A descarga só seria possível por meio do auxílio de outras pessoas (mãe, babá, etc) que fornecessem, por exemplo, alimento ao bebê, visto que ele não conseguiria, por si só, em consequência de seu desamparo original, realizar as ações específicas. Es-

tas, por modificarem a realidade, seriam as únicas a permitirem a diminuição duradoura da tensão, uma vez que interrompem o processo de somação das excitações endógenas.

Com o auxílio externo, ou seja, com a ajuda de uma outra pessoa, teríamos, então, um cancelamento do estímulo interno (necessidade), e essa experiência seria vivenciada como satisfação (prazer). A vivência de satisfação teria consequências psíquicas, dado que o aparelho, em virtude da relação que se estabelece entre a imagem visual da percepção ligada à satisfação e aos estímulos da fome, tenderia a repeti-la, isto é, o aparelho tenderia ao prazer. Contudo, a repetição dar-se-ia alucinatoriamente ao reativar a imagem mnêmica do objeto de satisfação. Freud descreve assim o processo:

“Um componente essencial desta vivência [de satisfação] é a aparição de uma certa percepção (a nutrição em nosso exemplo), cuja imagem mnêmica fica, daí em diante, associada ao traço que a excitação produzida pela necessidade deixou na memória. A próxima vez em que ocorrer essa última, graças ao enlace assim estabelecido, ela suscitará uma moção psíquica que buscará investir de novo a imagem mnêmica daquela percepção e produzir outra vez a mesma percepção, ou seja, na verdade, estabelecer a situação da primeira satisfação.” (1)

Freud define o desejo como sendo essa moção psíquica, deixada pela vivência de satisfação, que tenderia a reinvestir a imagem mnêmica da percepção primitiva. Assim, o desejo é posterior a essa primeira vivência de satisfação e decorrente dela; ele se diferencia, portanto,

(1) La Interpretación de los Sueños, p.557

da pura necessidade. Esta tem um fundo orgânico e sua satisfação depende da ação específica para encontrar o objeto adequado, fundo este a partir do qual irrompe um impulso no psíquico (desejo) ligado a uma representação (imagem). O desejo ocorre, então, num plano puramente psíquico, mais precisamente, num circuito formado por representações.

A realização do desejo seria a reaparição da percepção, nesse caso, a alucinação. Teríamos, então, uma "realização alucinatória do desejo".

"A uma corrente dessa índole produzida no aparelho, que arranca do desprazer e aponta para o prazer, chamamos desejo; dissemos que só um desejo, e nada mais, é capaz de pôr em movimento o aparelho, e que o decurso da excitação dentro deste é regulado automaticamente pela percepção de prazer e desprazer. O primeiro desejar pode ter consistido em investir alucinatoriamente a lembrança de satisfação."(1)

Podemos, desse modo, dizer que o aparelho, em seu estado primitivo, funcionaria da seguinte maneira: o desejo investiria alucinatoriamente a lembrança de satisfação, ou seja, o aparelho psíquico terminaria por alucinar ao repetir a percepção enlaçada com a primeira satisfação da necessidade (identidade perceptiva). Portanto, a imagem (objeto desejado), com todo seu vigor de percepção sensorial, seria tomada por realidade (objeto presente), ocorrendo a descarga. Não se distinguiria a representação do objeto (mundo interno) do próprio objeto

(1) Ibid., p.588

(mundo externo). A esse processo psíquico, Freud dá o nome de processo primário.

Assim, a vivência de satisfação constitui a origem da procura da identidade perceptiva. Essa imagem mnêmica da primeira vivência de satisfação, ou seja, presente na ação específica, é o que Freud chama de representação de coisa. Ela se define como um conjunto formado por imagens visuais, cinéticas, auditivas, olfativas, provenientes de diferentes fontes perceptivas, onde o componente visual é considerado como estruturante (ordenador) dos demais.

As representações de coisa articulam-se a partir de cenas onde se realiza o desejo. O seu conteúdo é precisado pelo modo como elas se articulam com as sucessivas cenas, isto é, pelo lugar que ocupam em seus múltiplos enlaces ao formarem totalidades maiores. Este tipo de enlace será explicado posteriormente, quando tratarmos dos processos de elaboração onírica.

O que por ora podemos dizer é que, no processo primário, constituído por representações de coisa e pelo modo específico de associação que se estabelece entre elas, a atividade do aparelho psíquico é regulada exclusivamente pelo princípio do desprazer. Isto também está presente quando se evita uma lembrança de dor. Se considerarmos uma vivência primária dolorosa, onde o aparelho psíquico procura a fuga através de vias motoras, não encontraremos a inclinação do aparelho a reinvestir alucinatoriamente a representação geradora da dor, mas sim a evitá-la. Caso ela venha a reaparecer, gerará desprazer.

A teleologia está presente porque a imagem mnêmica da percepção, ligada à vivência de satisfação (origem da representação de coisa), é uma representação-meta. Esta orientará o curso das representações no aparelho psíquico a partir de necessidades, ou seja, determinará o curso a ser seguido, indicando a finalidade a que obedecem as associações entre representações.

b. A atividade secundária do aparelho psíquico não está desvinculada da busca do prazer

A alucinação, presente no processo primário, não é permanente, conforme ocorre em casos psicopatológicos, como a psicose alucinatória. Visto que decorre de um funcionamento interno do aparelho, e não de uma percepção de fato (o objeto não tem existência fora do aparelho), ela não satisfaz a necessidade, pois não interrompe o processo de formação de estímulos internos. Desse modo, a alucinação não é adequada para produzir a satisfação e o prazer associados a ela.

"O estabelecimento da identidade perceptiva pela curta via regressiva no interior do aparelho não tem a mesma consequência que aquela que se associa ao investimento dessa percepção de fora. A satisfação não ocorre, a necessidade continua." (1)

Por conseguinte, em decorrência da persistência da necessidade, torna-se necessária uma atividade secundária, o pensar, que impeça a alucinação (iniba a descarga imediata), isto é, a atividade primária.

(1) Ibid., p.558

Através da motilidade, o sujeito age sobre o mundo externo (ação específica), de modo a obter uma percepção real do objeto de satisfação e, assim, realizar o desejo (obtenção do prazer). Isso supõe uma certa maturidade do aparelho, tendo em vista que, para a realização da ação específica, alguns fatores devem estar presentes:

"...tem que haver o pensamento de um objeto necessário, tem que haver a recordação de uma experiência de satisfação a que esse objeto deu azo, e tem que haver o domínio de um movimento físico, capaz de gerar as condições em que essa experiência ocorreu originalmente."(1)

Freud, porém, insiste no fato de que a principal característica de um aparelho desenvolvido é o acúmulo de material (experiências) na memória, ou seja, o aparelho deve ser capaz de registrar experiências onde estão articulados estímulos e condições de descarga para, em caso de necessidade, conseguir, através do pensamento, efetuar uma ação adequada.

"Para poder transformar, conforme os fins, o mundo externo, mediante a motilidade, requer-se a acumulação de uma grande soma de experiências dentro dos sistemas mnêmicos e uma múltipla fixação das referências que diversas representações-meta podem evocar nesse material mnêmico."(2)

O pensar se constitui como um desvio, como um substituto da atividade primária.

(1) As Idéias de Freud, p.53

(2) La Interpretación de los Sueños, p.598

"Mas toda essa atividade complicada de pensar, urdida da imagem mnêmica até o estabelecimento da identidade perceptiva por meio do mundo externo, representa, assim, apenas uma atividade, que, através da experiência, tornou-se necessária, de desvio para a realização de desejo. O pensar não é outra coisa senão o substituto do desejo alucinatório..."(1)

Mais adiante, reafirma esta tese:

"A totalidade do pensar é apenas um desvio da recordação de satisfação, tomada como uma representação-meta, para a ocupação idêntica da mesma recordação, que deve ser, de novo, obtida pelo caminho das experiências motoras."(2)

Assim, o processo secundário não é, como o processo primário, regulado exclusivamente pelo princípio do desprazer. Isso porque, como vimos, nele se busca uma identidade de pensamento com a vivência de satisfação e não uma identidade perceptiva. Dado que o pensar é uma via indireta da lembrança de satisfação, o que lhe interessa são os caminhos de ligação entre as representações e não as suas intensidades. Portanto, não se apresentam as características do processo primário como, por exemplo:

"...condensações de representações, formações intermediárias...que substituem uma representação por outra..."(3)

Desse modo, o pensar deveria libertar-se, na medida do possível,

(1) Ibid., p.550

(2) Ibid., p.591

(3) Ibid.

da regulação exclusiva do princípio de prazer (que traria dificuldades à identidade de pensamento), limitando o desenvolvimento do afeto a um mínimo que sirva como sinal para impedir uma quantidade maior de desprazer. Entretanto isto nem sempre é totalmente possível. Há casos, em que o princípio de prazer interfere no processo de pensamento, impedindo que este corresponda à realidade:

"Porém sabemos que, ainda na vida normal, isso raramente se alcança completamente e que nosso pensar sempre está exposto a falsear-se devido à interferência do princípio de desprazer."(1)

Há, então, uma certa tendência a produzir-se algo semelhante ao processo primário, isto é, de subordinar o princípio da realidade ao princípio do prazer, que, dependendo do seu grau, pode ser considerado patológico.

Como vimos, o sentido, a finalidade que orienta as atividades do aparelho psíquico, é a busca do prazer. Este se constitui na primeira vivência de satisfação a partir da ação específica. Não podemos esquecer, porém, que, se a vivência de satisfação está na origem da alucinação (representação de coisa), ela também fornece os meios para que se possa entender o "outro". Na vivência de satisfação, a imagem mnêmica está associada a uma imagem verbal, que Freud chama representação de palavra. Assim, esta também tem sua origem na ação específica (vivência de satisfação). Uma das formas utilizadas pelo aparelho para

(1) Ibid., p.592

livrar-se do aumento de tensão, através de alterações internas, é o grito. Embora ele não seja suficiente por si só para realizar esse objetivo, chama a atenção de pessoa prestativa. A partir daí, o bebê passa a reconhecer que o próprio grito determina a assistência alheia, servindo, por isso, de base para uma compreensão entre ele e o outro.

"Haverá, pois, uma experiência de passagem do desprazer ao prazer, que constitui um dos fatores determinantes da aprendizagem da língua, na medida em que o outro, e também o sujeito, nota o desprazer deste e a partir daí pode operar."(1)

Parece, então, ser possível afirmar que é a partir deste contato com o outro, estabelecido a partir do grito, e por um processo de imitação da palavra ouvida, duas experiências fundamentais para o desenvolvimento da palavra, que o sujeito aprende a reconhecer um som específico e a adequar o som de seus semelhantes aos que produz. Assim, pode incorporar as normas gramaticais da língua que fala, aprendendo, ainda, quando for possível, a soletrar, ler e escrever.

A representação de palavra seria formada por componentes auditivos, visuais, cinéticos, correspondentes à imagem sonora da palavra, à imagem visual da letra impressa e aos movimentos de articulação da palavra falada e escrita. O componente estruturante seria o auditivo (palavra ouvida), o que explica a existência de representações de palavra, antes da aprendizagem da leitura e da escrita, organizadas sobre a base dos componentes da fala.

(1) Teoria das Representações..., p.45

Tudo isso nos leva a supor que, a partir da vivência de satisfação, o aparelho aprende a vincular nomes (sonoro) e coisas (visual), bem como as regras de combinação de palavras em frases (sintaxe). Parece-nos, então, que o sentido se desenvolve a partir da palavra ouvida na ação específica à medida em que ela se liga a um objeto, ou seja, a representação de palavra adquire sentido pela sua conexão com a representação de coisa. Consequentemente, a perda do sentido seria a perda da relação com as representações de coisa.

A teoria freudiana não desenvolve de forma explícita sua concepção acerca da produção de sentido, não indo além dessas poucas indicações que assinalamos. Sua ênfase parece estar na perda do sentido, ou seja, na perda da relação entre representação de palavra e de coisa e isto em consequência da censura. É o que acontece, costumeiramente, no caso das neuroses e dos sonhos. Nestes os nomes evocados parecem não mais designar coisas. É como se as palavras passassem a se comportar como se fossem imagens. Por exemplo, no sonho de Freud sobre Irma, aparece a palavra *Trimetalina* que, após a interpretação, revela-se como se referindo tanto à sexualidade quanto a um amigo de Freud: *Fliess*. Essa palavra acumula, portanto, várias coisas muito significativas. A própria Irma do sonho designa pelo menos três pessoas: a Irma paciente de Freud, uma amiga sua, que também é paciente de Freud, e a mulher de Freud.

Podemos, então, dizer que interpretar o sentido é desfazer o trabalho de censura e recuperar o vínculo entre representação de coisa e representação de palavra.

Se a leitura proposta da obra freudiana for correta, será lícito concluirmos que o sentido se constitui na primeira vivência de satisfação, a partir da ação específica, onde estão presentes representações de coisa e representações de palavra. A teoria do funcionamento do aparelho psíquico (lugar também das forças) não consegue explicar-nos o porquê de esse vínculo conferir sentido à palavra. Na verdade, ela parece ser construída para dar conta da distorção do sentido presente, por exemplo, nos sonhos. Aqui se testemunha uma regressão que leva da representação de palavra à de coisa, ou seja, do pensar ao alucinar.

"As representações oníricas são de caráter alucinatório, despertam consciência e são dignas de crédito... Esta é a característica mais importante do dormir...: fechados os olhos alucina-se; abertos, pensa-se em palavras."(1)

(1) O Projeto..., p.384

CAPÍTULO II - O SENTIDO SUPÕE A FORÇA

Assim como o primeiro parágrafo do primeiro capítulo de "A Interpretação dos Sonhos" pode sugerir-nos a falsa idéia de que haveria uma separação entre força e sentido, a exposição inicial de Freud, nos capítulos I a III da mesma obra também seria capaz de causar-nos a equivocada impressão de que ele prioriza o sentido em detrimento da força. Isso talvez sugerisse a interpretação da psicanálise como ciência do espírito (interpretações hermenêuticas). Há duas razões para tal: a ruptura de Freud com as teorias científicas predominantes em sua época, uma vez que ele sustenta contra elas que o sonho tem sentido, e a filiação de seu método de interpretação, revelador do sentido do sonho como realização de desejo, à atividade interpretativa da clínica. Desenvolverei esses temas nas partes 'a' e 'b', logo a seguir.

Justificada essa impressão, podemos começar a desfazê-la ao dar-nos conta de que Freud, ao afirmar o caráter universal da tese de que o sentido do sonho é realização de desejo (capítulo IV de "A Interpretação dos Sonhos"), aponta para uma teoria do aparelho psíquico (o que me parece indicar que ela já estava suposta, dadas as nossas considerações anteriores sobre a produção do sentido). O que se torna ainda mais verossímil, conforme veremos no item 'c', quando analisarmos a proposição de que também o sonho tem um sentido. Aqui a teoria do aparelho psíquico (jogo de forças) está inegavelmente pressuposta, for-

mando, assim, dois aspectos irredutíveis de uma mesma coisa. Tentar separá-las é cair nos erros apontados na nossa **Introdução**, seja para privilegiar o clínico, o interpretativo, seja para privilegiar o teórico.

Pretendo apresentar, em suma, neste capítulo, as razões que poderiam, inicialmente, levar-nos a acreditar na exclusividade do sentido em relação às forças. Em seguida, procurarei mostrar que, de fato, tal exclusividade não ocorre, ou seja, se o sonho tem sentido, também sofre a ação de forças que o deformam, embora a forma de sua ocorrência ainda não esteja explicitada (o que acontecerá apenas no capítulo VII da obra em estudo). Para tanto, analisarei as seguintes questões: a) a ruptura da teoria freudiana sobre os sonhos com as teorias científicas dominantes; b) a filiação de seu método à atividade interpretativa da clínica; c) a afirmação do caráter universal da tese de que o sentido do sonho é realização de desejos.

a. O sonho tem sentido - Ruptura com as teorias científicas dominantes

Nos capítulos I e II, Freud nos indica o lugar de sua teoria sobre o sonho em relação à produção teórica que o antecede. Ele não ignora que existem, desde a antiguidade, um conjunto de opiniões e, até mesmo, uma produção literária sobre esse tema, que não deveriam ser desprezados. É um material rico e interessante com numerosas observações sugestivas. Não há, porém, uma teoria consistente sobre os sonhos, ou seja, essas contribuições não dão conta da natureza do sonho

e da resolução de seus enigmas: elas avançaram muito pouco. Parece, portanto, que há um conjunto disperso de opiniões - o que dificulta sua exposição -, mas não há, propriamente, uma ciência sobre o sonho.

"É muito difícil escrever uma história de nosso conhecimento científico sobre problemas oníricos. A razão é que, por mais valiosa que ela seja em alguns pontos, nela não se observa nenhum progresso a partir de linhas determinadas. Não se chegou a uma infra-estrutura de resultados seguros, sobre o qual um investigador que viesse depois pudesse seguir construindo, mas cada autor enfrenta os mesmos problemas desde o início." (1)

Em razão das dificuldades e tendo como objetivo principal apresentar um panorama atualizado dos conhecimentos sobre o sonho, Freud abre mão de uma exposição cronológica, optando por uma exposição temática.

Em sua apresentação, deixa entrever um conjunto de opiniões das mais variadas, divergentes e, até mesmo, contraditórias a respeito de cada um dos temas relacionados ao sonho. Por exemplo, ao tratar da relação do sonho com a vida de vigília, Freud mostra que certos autores acreditam em uma continuidade entre sonho e vigília, enquanto outros acham que há uma descontinuidade entre ambos. Quanto às fontes de estímulos do sonho, há aqueles que privilegiam os estímulos sensoriais externos, outros, as sensações orgânicas internas e alguns, ainda, as fontes psíquicas de estímulo. Haveria outras opiniões que se chocam: o processo onírico é rápido; o sonho é desfigurado pela lembrança; a vi-

(1) La Interpretación de los Sueños, p.33

da anímica mantém, durante a noite, a mesma capacidade que durante o dia; há um distanciamento em relação ao mundo exterior durante o sonho; o sonho é absurdo; o decurso das representações é involuntário; há um regresso da vida anímica no sonho ao estado embrionário; há relação entre o sonho e as perturbações da alma, etc.

Freud reúne esse conjunto de opiniões em seu edifício, combinando-as em uma 'unidade superior', isto é, tornando-as compatíveis entre si e com sua teoria através de uma leitura que acaba por dar-lhes um novo sentido e uma nova forma. Apenas duas opiniões estão completamente descartadas por serem consideradas incompatíveis com a teoria freudiana: a de que o sonho seja um processo somático e, conseqüentemente (visto que estão interligadas), a de que ele não tenha sentido.

"Abordei um tema onde reinavam as mais ríspidas contradições nas opiniões dos autores, como mostrou o primeiro capítulo. Depois de nossa elaboração dos problemas do sonho, a maioria dessas contradições encontrou um lugar. Só devemos refutar terminantemente duas das opiniões expressas, a saber, que o sonho é um fato carente de sentido... e um processo somático...; porém todas as outras, que se contradizem entre si, justificamos em algum lugar do emaranhado trabalho, e pudemos mostrar que haviam posto em relevo algo correto..."(1)

Essa objeção de Freud nos aponta para uma contradição mais fundamental presente no capítulo I: a contradição entre a opinião filosófica, para a qual o sonho é um processo psíquico, e a opinião científi-

(1) Ibid., p.578

ca para a qual é um processo somático. O seu estudo também nos sugere que Freud não está ao lado da opinião científica. Ele, de fato, ao tematizar o sonho, coloca-se ao lado de uma tradição que supõe que o mesmo é portador de sentido (processo psíquico) e ataca a concepção científica dominante, segundo a qual o sonho é um processo somático.

Como o sonho possui sentido, cabe interpretá-lo. A reconstrução desse sentido decorre da atividade de interpretação que assume, portanto, um papel fundamental. Para Freud:

"Interpretar um sonho é....substituir seu conteúdo incompreensível por outro transparente, pleno de significado... indicar seu sentido é substituí-lo por algo que se insere como elo de pleno direito, com o mesmo título dos demais no encadeamento de nossas ações anímicas."(1)

Essa relação entre sentido e interpretação esclarece a afirmação freudiana de que o título dado a seu trabalho (A Interpretação dos Sonhos) permite compreender a tradição em que quis situar-se na concepção dos sonhos: ele associa-se àqueles que acreditavam que o sonho tem sentido, sendo, por conseguinte, interpretável.

Essa tradição com a qual Freud se associa é antiga. Já na antiguidade, acreditava-se que os sonhos tinham sentido, pois proviriam dos deuses, trazendo mensagens importantes. Colocava-se, portanto, a tarefa de decodificá-los. Mas isso ocorre só na antiguidade. Segundo Freud, em todos os tempos, os leigos acreditaram que os sonhos tinham sentido, apesar da obscuridade de muitos deles. Tal fato se coloca co-

(1)Ibid., p.118

mo enigma para Freud, afinal de contas, como explicar que a opinião popular estivesse mais próxima da verdade que a opinião científica.

"Guiada por um obscuro pressentimento (Grifo meu) ela parece supor que o sonho tem um sentido, ainda que oculto; estava destinado a ser o substituto de outro processo de pensamento, então não haveria nada mais a fazer a não ser desvelar de maneira acertada esse substituto para alcançar o significado oculto dos sonhos."(1)

A premissa de que os sonhos são interpretáveis enfatiza as fontes psíquicas de estímulo na formação dos mesmos em detrimento das fontes somáticas (sentido em detrimento da força?), e isso decorre de se considerar o sonho como um momento particular, e até privilegiado, de atividade psíquica.

O reconhecimento e sustentação de que o sonho seria uma operação psíquica foi, segundo Freud, mais caloroso e receptivo quando a filosofia, e não a ciência, dominava os espíritos. Os filósofos e outros observadores não profissionais teriam dado contribuições importantes em consonância com as "intuições do povo". Assim, não só os leigos mas também os filósofos privilegiaram o psíquico. A modificação no modo de apreciar os sonhos teria decorrido do predomínio do modo de pensar das ciências naturais. Deste modo, o ponto de vista dos filósofos e da opinião popular entrou em contradição com as teorias científicas sobre o sonho, teorias estas preferidas pelos autores médicos, que se caracterizavam por não deixar espaço algum ao problema da interpretação.

(1) Ibid.,

Para as teorias científicas, não havia lugar para interpretação, visto que o sonho não era, de modo algum, um ato anímico, mas um processo somático que se anuncia mediante certos sinais no aparelho psíquico. Era apenas um fragmento de atividade anímica, o que explicaria a sua obscuridade, ou seja, era "um rebaixamento da atividade psíquica, um afrouxamento das conexões e um empobrecimento do material a que se pode recorrer."(1) Assim, os autores médicos preferiram a teoria que atribui a gênese do sonho a fontes somáticas, isto é, ao estímulo corporal interno (orgânico).

"Quem se incline por menosprezar o rendimento psíquico nos sonhos dará, desde o início, preferência, em sua etiologia, a fontes somáticas de estímulo..." (2)

Essa preferência pelas fontes somáticas teria como um de seus fundamentos a relação observada entre as enfermidades do corpo e os sonhos, ou seja, o fato de os estados de enfermidades dos órgãos interiores do corpo se converterem em sensações penosas no sonho. Nesses casos, as perturbações dos órgãos interiores operariam como excitadores dos sonhos, o que poderia ser observado pela "frequência dos sonhos de angústia em enfermos que padecem de afecções cardíacas e pulmonares..."(3)

Daí seria possível deduzir que isso ocorre não apenas durante as

(1) Ibid., p.99

(2) Ibid., p.87

(3) Ibid., p.86

enfermidades mas também durante o estado normal.

"Se está bem comprovado que o interior do corpo passa a ser, em estados patológicos, fonte de estímulos oníricos, e se admitimos que, durante o dormir, a alma, apartada do mundo exterior, pode prestar maior atenção ao interior do corpo, há razões para supor que os órgãos não necessitam estar enfermos para provocar, na alma adormecida, excitações que, de algum modo, se convertam em imagens oníricas." (1)

Freud invoca a explicação do fenômeno da cenestesia para confirmar sua tese:

"O que, na vigília, percebemos, obscuramente, e só em sua qualidade, como cenestesia, a qual, na opinião dos médicos, todos os sistemas de órgãos prestam seu concurso, constituiria, durante a noite, quando a sua influência é mais intensa e seus diversos componentes isolados estão ativos, a fonte mais poderosa e, ao mesmo tempo, a mais habitual para a suscitação de representações oníricas." (2)

Freud aponta ainda duas razões, uma de natureza epistemológica e outra psicológica, para os autores médicos não valorizarem o psíquico na formação dos sonhos. A primeira razão estaria no fato de os estímulos somáticos serem os únicos que se podem descobrir facilmente e, assim, serem corroborados por experimentos. A segunda razão decorreria do fato de a concepção somática da gênese do sonho responder a uma orientação do pensamento dominante na psiquiatria, o privilégio do cérebro em detrimento da alma. Por conseguinte, tudo o que não é explicado pelo somático está automaticamente do lado da metafísica.

(1) Ibid., p.60

(2) Ibid.

"Se ela insiste, com maior força, no domínio do cérebro sobre o organismo é porque tudo o que possa revelar uma independência da vida anímica a respeito de alterações orgânicas demonstráveis, ou uma espontaneidade daquela nas suas manifestações, assusta, hoje, os psiquiatras como se seu conhecimento nos obrigasse a retroagir aos tempos da filosofia da natureza e da metafísica da alma."(1)

A posição assumida por Freud, em relação aos autores médicos (fisiologia, psiquiatria), fornece-nos elementos de reflexão relativos à questão central deste trabalho, ou seja, à da relação entre força e sentido na "Interpretação dos Sonhos". Em vários momentos, Freud afirma que, tradicionalmente, a valorização do psíquico (sentido) na formação dos sonhos remete à metafísica e à filosofia, enquanto que a valorização do somático (forças) remete à ciência. Ele pretende romper com ambas as perspectivas. Valoriza o psíquico, mas sem se colocar ao lado da metafísica, ou seja, amplia o domínio da ciência, embora, ao fazê-lo, entre em desacordo com a ciência dominante. Contudo, talvez o desacordo não seja tão radical quanto poderia aparentar à primeira vista. Inicialmente, pode parecer que essa ruptura signifique uma priorização do sentido em detrimento da força, dado que se estaria rompendo com uma perspectiva reducionista (posição científica dominante) para a qual só haveria forças físico-químicas agindo no interior do organismo, ou seja, o somático, em última análise, reduzir-se-ia ao físico.

Não podemos, todavia, perder de vista que, se por um lado, ao afirmar o sentido, Freud privilegia o lugar do psíquico, ele também

(1) Ibid., p.66

não parece ver problemas quando relaciona o psíquico com o somático, entendido aqui como o lugar das forças, pois chega mesmo a admitir a possibilidade de que o psíquico possa vir a reduzir-se ao orgânico. Sua valorização atual é provisória.

"Semelhante recusa revela apenas pouca fé na validade da cadeia causal que se estende do corporal até o anímico. Ainda ali, onde a investigação permite reconhecer no psíquico a ocasião primária de um fenômeno, um estudo mais profundo saberá descobrir, em cada caso, a continuação do caminho que leva à fundamentação orgânica do psíquico. Porém quando este for, como no estado atual de nosso conhecimento, a estação final, será preciso admiti-lo."(1)

Por esta afirmação, entendo que Freud não negue que haja uma relação entre o psíquico e o somático. Afinal, o psíquico não é a alma. Isso não quer dizer, contudo, que o psíquico se reduza ao cérebro, ao sistema nervoso. Ele se apóia no somático, mas não se confunde com ele. A vida psíquica é função de um aparelho psíquico e não do cérebro. Essa relativa autonomia do psíquico parece privilegiar o sentido em detrimento da força, sem que a última desapareça. Entretanto, há um outro aspecto da exposição inicial de Freud em "A Interpretação dos Sonhos" que parece sugerir uma exclusividade do sentido em relação à força: a filiação de seu método de interpretação dos sonhos à atividade interpretativa da clínica.

(1) Ibid.

b. O sentido do sonho - Qual é e como se chega a ele

O sentido do sonho é reconstruído através da aplicação de um método de interpretação, descrito a partir do confronto com as técnicas tradicionais da mesma. Não se trata de adotar o método popular que interpreta os sonhos através do simbolismo (método do simbolismo) e que consiste em:

"tomar em consideração o conteúdo onírico como um todo e buscar substituí-lo por outro conteúdo, compreensível e, em alguns aspectos, análogo."(1)

O método de Freud aproxima-se mais de um outro método, também popular, chamado, por ele, de método de decifração. Este se caracteriza por tomar como objeto apenas fragmentos singulares do sonho, considerado, apenas, um "conglomerado de formações psíquicas."(2) Há, contudo, uma diferença fundamental entre o método de decifração e o método de interpretação freudiano: no método freudiano não se recorre a uma chave interpretativa, que transformaria a interpretação em uma tradução meramente mecânica; nele a tarefa interpretativa é mais trabalhosa e problemática.

"Meu procedimento não é tão cômodo como o método popular de decifração, que traduz o conteúdo dado do sonho de acordo com uma chave estabelecida: antes tendo a pensar que, em diversas pessoas e em contextos diferentes, o mesmo conteúdo onírico pode encobrir, também, um sentido dessemelhante."(3)

(1) Ibid., p.118

(2) Ibid., p.125

(3) Ibid., p.126

Freud admite a existência de determinados símbolos gerais no sonho, ou seja, símbolos que valem para uma mesma comunidade linguística e cultural, ou até fora dela. Eles auxiliariam a tarefa da interpretação do sonho ao possibilitarem a compreensão de alguns elementos singulares ou, de sonhos inteiros, o que poderia parecer uma aproximação com o método popular de interpretação, que recorre a chaves interpretativas. Embora conhecendo, profundamente, o simbolismo onírico, ele, sozinho, não é suficiente para a interpretação onírica. Ele é tão-somente um elemento auxiliar, o que termina por distanciar Freud da técnica interpretativa dos antigos.

"... porém se sabe que nem todo conteúdo do sonho deve ser interpretado simbolicamente. O conhecimento do simbolismo onírico nunca fará outra coisa que nos fornecer a tradução de ingredientes singulares do conteúdo do sonho e jamais tornará ocioso o uso das regras técnicas que indicamos anteriormente. Entretanto, apresentar-se-á como o meio auxiliar mais útil para a interpretação justamente aí onde as ocorrências do sonhador não ocorram ou sejam insuficientes."(1)

Através da correta aplicação do método de decifração freudiano, os sonhos mostram-se, de fato, como portadores de sentido: eles realizam um propósito. O sentido dá-se a conhecer como realização de desejo. Em oposição, portanto, à opinião científica dominante, Freud acredita que o sonho

"...não carece de sentido, não é absurdo, não

(1) Sobre el Sueño, p.666

pressupõe que uma parte de nosso tesouro de representações durma enquanto outra comece a despertar. É um fenômeno psíquico de pleno direito, mais precisamente uma realização de desejo..."(1)

É importante esclarecer que, no sonho, nenhuma distinção poderia ser observada entre desejo e sua satisfação, dado que o desejo como sua realização pertencem ao seu conteúdo, ou seja, "seu conteúdo é uma realização de desejo e seu motivo um desejo."(2)

Para exemplificar a aplicação do método de decifração, que permite fundamentar a tese de que o sentido do sonho seria a realização de desejo, Freud narra um de seus sonhos, embora no curso da psicanálise de neuróticos ele já tivesse interpretado muitos sonhos alheios. Não recorreu a essas análises para exemplificação pelas seguintes razões: em primeiro lugar, por causa da objeção da opinião leiga de que os sonhos de neuropatas não servem para os homens mentalmente sadios; em segundo lugar, porque teria que se desviar do tema principal a fim de poder fornecer diversos informes sobre a psicose.

"O tema para que estes sonhos apontam é, sempre, a história que está na base da neurose. Por isso, cada sonho requereria um extenso informe prévio, uma incursão na natureza e condições etiológicas da psicose, coisas estas que em si e por si são novas e extremamente surpreendentes. Por isso, elas desviariam a atenção do problema dos sonhos."
(3)

(1) La Interpretación de los Sueños, p.142

(2) Ibid., p.139

(3) Ibid., p.125

Assim, apesar da dificuldade de revelar coisas íntimas de sua vida psíquica (Freud o faz apenas em parte), e entendendo que é mais fácil observar a si mesmo do que ao outro (não excluída a arbitrariedade), Freud narra o sonho com Irma, por acreditar que seu material é rico e cômodo, procedente de uma pessoa mais ou menos normal e referido a múltiplas ocasiões da sua vida cotidiana. O presente sonho teria a vantagem de mostrar de forma clara os acontecimentos da véspera a que se liga e o tema de que trata. Aí estão as razões que, provavelmente, levaram Freud a considerar o sonho com Irma paradigmático.

Na análise do sonho, relaciona-se cada fragmento a tudo o que, de alguma forma, se liga ou ocorre ao sonhador. Seu sentido, aos poucos, se desvela. A grosso modo, podemos dizer que, após a interpretação, o sonho atribui os padecimentos de Irma a fatores que inocentam Freud e este é o seu desejo, ou seja, o de não ser o responsável pelos sofrimentos de Irma. Após a análise, Freud não pretende nem ter descoberto o sentido integral do sonho nem supor que sua interpretação esteja livre de lacunas, pois está realmente convencido de que seria possível avançar a interpretação. Contudo, a análise feita permite chegar a uma conclusão de natureza geral:

"Se se segue o método de interpretação dos sonhos aqui indicado, descobrir-se-á que o sonho tem, na realidade, um sentido e que de nenhum modo ele é a expressão de uma atividade cerebral fragmentada, como pretendem os autores. Depois de um trabalho de interpretação completo, o sonho se dá a conhecer como uma realização de desejo."(1)

(1) Ibid., p.141

Se a aplicação do método fundamenta a tese de que o sentido do sonho é realização de desejo, uma questão se coloca: o que legitima sua aplicação?

Para Freud, parece que a origem do seu método está na sua aplicação bem sucedida na clínica, pois, segundo nos informa, ele chegou a esse procedimento a partir de estudos com fins terapêuticos, dirigidos à resolução das psicopatologias. Seria, então, possível dizer que seu procedimento decorre da atividade interpretativa presente na clínica.

"Meus pacientes, os quais se haviam comprometido a comunicar-me todas as ocorrências e pensamentos que a eles acudissem sobre um tema determinado, contaram-me seus sonhos e, assim, ensinaram-me que um sonho pode inserir-se no encadeamento psíquico que há de perseguir-se, retrocedendo na lembrança a partir de uma idéia patológica. Isto me sugeriu tratar o sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para sintomas".
(1)

A filiação do método de análise de sonhos à atividade interpretativa na clínica pode sugerir a exclusividade do sentido em relação à força, visto que não são poucos os leitores de psicanálise que acreditam que haja uma independência entre a clínica e a teoria, sendo que o fundamental em Freud seria a interpretação (sentido) e não a teoria do aparelho psíquico (com suas forças e investimentos energéticos).

Mais adiante, Freud mostrará o caráter universal de sua tese: o sentido do sonho é realização de desejo. Verificaremos, então, que, ao

(1) Ibid., p.122

contrário do que desejam esses leitores, a dimensão da força também está necessariamente presente, o que nos sugere a impossibilidade de pensar a clínica independentemente da metapsicologia freudiana.

c. Relação força e sentido e a teoria de que o sonho realiza desejo

Freud defende a tese de que o sentido do sonho é a realização de desejo enquanto uma tese de caráter universal, ou seja, o sentido de todos os sonhos é a realização de desejos. Isso pressupõe que ele já saiba responder a uma série de objeções derivadas de algumas características do sonho. Sua teoria sobre o sonho é descrita como:

"...um enunciado acerca deste [o sonho] que procure explicar, a partir de um único ponto de vista, o maior número possível de caracteres nele observados e, ao mesmo tempo, determine a posição do sonho a respeito de um campo de fenômenos mais amplo."(1)

Uma dessas propriedades oníricas, que sua teoria precisa explicar, dada a universalidade da tese, é o caráter estranho e irreconhecível dos sonhos. Freud aborda esse aspecto no capítulo IV da "Interpretação dos Sonhos" (que se refere à desfiguração onírica), respondendo a possíveis objeções. Ele tem que mostrar que os sonhos que parecem, de imediato, ir contra a tese da realização de desejo - tais como os sonhos de angústia, os sonhos de sentimentos penosos e os sonhos de conteúdo indiferente - de fato não a contradizem. Para tanto,

(1) *Ibid.*, p.98

ele postula a existência de dois tipos de conteúdo para os sonhos, sendo um a distorção do outro.

Assim, ele distingue conteúdo manifesto (narrativa do sonho) de conteúdo latente (pensamento do sonho). O último é obtido a partir do primeiro através do trabalho de interpretação. A distinção proposta é fundamental, pois propicia um novo entendimento sobre o sonho.

"...atribuo à ignorância do conteúdo latente do sonho, que só pode revelar-se mediante a análise, todas as indagações contraditórias e todos os equívocos sobre a vida onírica que achamos na bibliografia..."(1)

O conteúdo manifesto pode ser estranho, absurdo, sem sentido, isto é, fragmentário, com "saltos na concatenação das representações" ou "transgressão da medida normal de motivação legítima"(2). Suas representações (ou imagens) são, enfim, unidas por laços chamados, por Freud, de 'associação superficial':

"...por assonância, ambiguidade das palavras, coincidências temporais sem relação de sentido interno..." (3)

Por trás do conteúdo manifesto, existiria, entretanto, um outro enlace das representações que o substituiria. Este é correto, pleno de sentido e expressa a realização de desejos. Podemos, então, concluir

(1) Sobre el Sueño, p.625

(2) As expressões entre aspas foram utilizadas pelo professor Dr. Osmyr Faria Gabbi Jr. no Curso de Especialização em Psicanálise da UNICAMP no segundo semestre de 1990.

(3) La Interpretación de los Sueños, p.523

que quando, na narrativa de um sonho, as relações lógicas e de motivação suficiente parecem estar rompidas, há, de forma oculta, outro proferimento onde tais relações estariam íntegras e a motivação seria adequada.

"Toda vez que um elemento psíquico se enlaça com outro por uma associação chocante e superficial, existe, também, entre ambos, um enlace correto e de grande calado, submetido à resistência da censura."(1)

Desse modo, a atividade interpretativa - que nos dá o sentido do sonho (conteúdo latente) - revela-nos o conteúdo manifesto (a narrativa do sonho) como distorção. Freud usou a expressão "desfiguração onírica" para designar o fato de o conteúdo manifesto apresentar-se como distorção. Mais ainda, é um disfarce, visto que esse processo é explicado como intencional, como um meio de dissimulação, decorrente de uma defesa (censura) contra o desejo. Se há uma defesa contra o desejo, este só pode se expressar como algo desfigurado."...a censura é o motivo principal da desfiguração onírica..."(2)

Freud desenvolve essas teses a partir de uma analogia com os fenômenos de defesa (censura) na vida social e política. No conflito entre dois poderes, o mais fraco precisaria disfarçar suas opiniões para poder manifestar-se. Portanto, a fórmula que expressa a essência do sonho é a seguinte: "O sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (sufocado, reprimido)."(3)

A fim de dar conta dessas modificações do manifesto (relações su-

(1) *Ibid.*, p.524

(2) *Sobre el Sueño*, p.664

(3) *La Interpretación de los Sueños*, p.177

periciais) para o latente (relações profundas), onde o primeiro é uma distorção do segundo, Freud constrói uma teoria do aparelho psíquico. Isto é indicado por ele mesmo a partir de uma outra analogia que, apesar de referir-se, especificamente, aos sonhos obscuros, vale, também, para outros sonhos:

"Recebemos a impressão de que a formação dos sonhos obscuros se produz como se uma pessoa, que é dependente de uma segunda, tivesse que exteriorizar algo desagradável a essa última. Partindo dessa analogia, formulamos os conceitos de desfiguração onírica e de censura, empenhando-nos em traduzir nossa impressão a uma teoria psicológica, sem dúvida grosseira, porém, pelo menos, gráfica." (1)

Podemos afirmar que o recalque (defesa), responsável pelo disfarce, supõe não só uma teoria da "força" mas também intencionalidade, remetendo-nos, assim, a uma teoria do aparelho psíquico, que produz efeitos semânticos. Isso ocorre porque a explicação pelo recalque pressupõe que há, de um lado, o recalcado e, de outro, o que recalca, o que se traduz na postulação de duas instâncias psíquicas, cujo modo de relação é indispensável para explicar a formação do sonho. Vem ao encontro dessa tese o fato de que a teoria do aparelho psíquico, explicitada no capítulo VII, já está indicada em filigrana, quando, ao tratar dos mecanismos de defesa no capítulo IV, Freud assinala o que acontece na vida psíquica.

(1) Sobre el Sueño, p.657

"...os causadores da plasmção onírica são dois poderes (ou correntes, ou sistemas) psíquicos que existem em cada indivíduo, sendo que um forma o desejo expresso durante o sonho, enquanto que o outro exerce uma censura sobre este desejo onírico e, por fim, obriga-o a desfigurar sua exteriorização."(1)

Ele desenvolve essa concepção ao mostrar que a especificidade da segunda instância (sistema, poder) - que a tornaria privilegiada em relação à primeira- está na capacidade de admitir, ou não, à consciência, o que se origina na primeira instância. Esta seria criadora, a outra teria um papel apenas defensivo.

"A partir do primeiro sistema, não poderia chegar à consciência nada que antes não houvesse passado pela segunda instância, e esta, por sua parte, nada deixaria passar sem exercer sobre ela seus direitos, impondo-lhe as modificações que julgar convenientes para seu recrutamento na consciência."
(2)

Após estes esclarecimentos, as objeções parecem estar respondidas. O sonho de conteúdo penoso (manifesto) também se revela como realização de desejo, desejo este que faz parte do conteúdo latente do sonho.

"...os sonhos penosos contêm, de fato, algo penoso para a segunda instância, realizando, porém, ao mesmo tempo, um desejo da primeira."(3)

Podemos, então, afirmar que os mecanismos do aparelho psíquico

(1) La Interpretación de los Sueños, p.162

(2) Ibid.

(3) Ibid., p.164

(que serão mais tarde explicitados) garantem a universalidade da tese de que o sentido do sonho é realização de desejo.

Desse modo, é-nos possível dizer que a tese "o sentido do sonho é realização de desejo" supõe o jogo de forças, e que este é, também, suposto pela tese "o sonho tem sentido", definida por Freud contra a opinião científica. Isso porque ao afirmar que o sonho tem sentido, (capítulo II), Freud já sabe qual é esse sentido (capítulo III) e quais os mecanismos que o fundamentam (capítulo VII), pois é completamente improvável que ele crie as teses à medida em que desenvolve o texto.

Creio, também, que o exposto e o analisado sejam suficiente para objetar a tese de Ricoeur no texto "De l'Interprétation", de 1965. Ele postula o predomínio da interpretação (sentido) nos capítulos de I a VI de "A Interpretação dos Sonhos", apontando o capítulo VII como exterior ao desenvolvimento orgânico da obra, subordinado à interpretação. Acredito que podemos concluir, provisoriamente, que "sentido" e "força" parecem, de fato, estar articulados através da interpretação (tese defendida por Ricoeur em textos mais recentes). Esta nos dá o sentido e nos revela o conteúdo manifesto, enquanto disfarce, devido ao recalque, o qual pressupõe, para sua justificação, uma teoria do aparelho psíquico. Assim, por estarem unidos força e sentido (como mostraremos adiante, o aparelho psíquico funciona teleologicamente), através da interpretação, é possível uma teoria do aparelho que torne as relações oníricas necessárias. O acesso e a justificativa do fenômeno onírico dão-se através do aparelho, uma vez que, se ele não exhibe as condições

em que o sentido se produz (há apenas indicações como as descritas anteriormente), mostra, ao menos, como é possível reconstruir, a partir do manifesto, o conteúdo latente, ou seja, como foi possível a perda do sentido do sonho. Talvez seja essa a tese presente na seguinte observação, feita por Freud, ao descrever o que acontece na vida psíquica:

"Talvez aqui divisemos que a interpretação dos sonhos é capaz de dar-nos, sobre o edifício de nosso aparelho psíquico, esclarecimentos que até agora temos esperado, em vão, da filosofia."(1)

Com a finalidade de explicitar a relação força/sentido, analisarei, a seguir, o aparelho psíquico, tendo em vista o sonho e suas manifestações.

(1) Ibid., p.163

CAPÍTULO III - O SONHO E O APARELHO PSÍQUICO

Como vimos, ao indicar o sentido do sonho como realização de desejo, Freud aponta para uma teoria do aparelho psíquico e essa indicação significa que o sentido supõe forças. Como consequência, o conteúdo manifesto do sonho, que aparece como uma distorção intencional, como um disfarce, deve ser compreendido a partir do funcionamento do aparelho psíquico. A descoberta de que a narrativa do sonho é um conteúdo manifesto, um disfarce intencional que oculta um conteúdo latente do sonho, conduz-nos a duas tarefas. A primeira consiste em indicar como ocorre a distorção do conteúdo latente, isto é, descrever os processos de desfiguração envolvidos na relação entre o manifesto e o latente. O próprio Freud indica-nos que a suposição da existência de um conteúdo latente do sonho o leva a :

“...investigar as relações entre o conteúdo manifesto e os pensamentos latentes do sonho, e pesquisar os processos pelos quais estes últimos se convertem naquele.”(1)

A segunda tarefa é a de sugerir que essa distorção é intencional, ou seja, que ela é um disfarce. Como os processos de distorção (1ª tarefa) não podem ser pensados, como veremos, independentemente do jogo

(1) La Interpretación de los Sueños, p.74

de forças e dos investimentos energéticos presentes no aparelho psíquico, eles dependem da teoria sobre o aparelho. Esta nos propicia, portanto, explicitar a relação força/sentido. Desse modo, se, por um lado, a desfiguração é explicada como produto do jogo de forças e investimentos energéticos, por outro, os elementos do seu conteúdo supõem uma escolha.

Dividirei a exposição sobre o capítulo VII de "A Interpretação dos Sonhos" em duas partes, sendo a primeira fundamental para a compreensão da segunda. Apresentarei, inicialmente, a descrição teórica do aparelho psíquico, para, em seguida, analisar o seu funcionamento no sonho. Neste, onde os processos de distorção se apresentam enquanto disfarce intencional causado por forças, será possível explicitar a relação entre intenção (sentido) e forças.

PARTE I

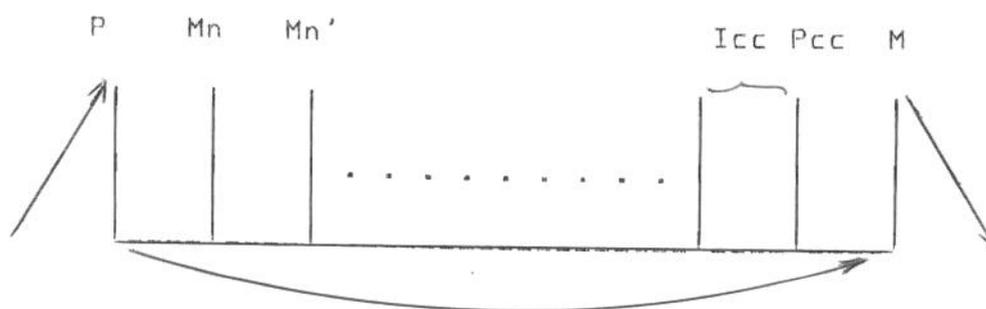
a. Descrição do Aparelho Psíquico

Apresento, aqui, o esquema do aparelho psíquico em seu estado pleno de desenvolvimento, assim como seus motivos, a origem de seu esquema e sua composição.

a1. Esquema do Aparelho Psíquico

O aparelho psíquico proposto por Freud é composto por sistemas psi. Seu esquema acabado (Freud apresenta uma série progressiva de esquemas gráficos), cujos elementos e mecanismos de funcionamento expli-

citarei no decorrer do capítulo, é o seguinte:



onde:

P = extremidade perceptiva

Mn, Mn' = sistemas mnêmicos

Icc = sistema inconsciente

Pcc = sistema pré-consciente

M = extremidade motora

a2. Como Freud chegou a esse esquema

Nos seis primeiros capítulos de "A Interpretação dos Sonhos", Freud priorizou o que ele chama de 'tarefas da interpretação dos sonhos', ou seja, a afirmação e a definição do sentido dos sonhos, o método de interpretá-los e os meios de que o trabalho do sonho se serve para ocultar o sentido (desses meios trataremos posteriormente). Os principais resultados obtidos por sua investigação são assim resumidos:

"O sonho é um ato psíquico de pleno direito; sua força impulsora é, em todos os casos, um desejo

por realizar; que seja irreconhecível como desejo, assim como suas múltiplas extravagâncias e absurdos, se devem à influência da censura psíquica que suportam em sua formação; além do constrangimento a subtrair-se dessa censura, cooperam, em sua formação, um constrangimento à condensação do material psíquico, com vista a sua figurabilidade em imagens sensíveis e - ainda que não como regra - uma consideração para dar uma fachada racional e inteligível ao produto onírico.”(1)

Nesses capítulos, a teoria do aparelho psíquico foi apenas insinuada, suposta, ou seja, embora não fosse apresentada, estava presente, uma vez que, durante todo o tempo, Freud tratou de investigar o sentido e este, como vimos, supõe certas operações no interior do aparelho psíquico. O que motivou o seu desenvolvimento no capítulo VII foi a necessidade de explicarem-se algumas características do sonho, que não poderiam ser explicadas com os instrumentos teóricos até então apresentados. Isto é indicado por Freud no início do capítulo, onde se descreve e se interpreta um sonho paradigmático (o sonho do menino que pega fogo), cujo interesse maior estaria em apontar a incompletude da psicologia onírica até então utilizada.

“Só depois de analisado tudo o que diz respeito ao trabalho de interpretação, podemos advertir quão incompleta ficou nossa psicologia onírica.” (2)

Esse sonho, cujo sentido aparece sem disfarce, não coloca tarefa alguma à interpretação, já que seu sentido não é oculto, mas evidente.

(1) Ibid., p.527

(2) Ibid., p.525

Ele apresenta, todavia, características essenciais que devem ser explicadas. A primeira característica é sua figuração no presente, como ocorre também no caso do sonho diurno. A outra característica dos sonhos (que não é exclusiva deles), considerada, por Freud, como a mais notável e fundamental da vida onírica é o fato de os pensamentos do sonho se apresentarem, na maioria das vezes, sob forma de imagens sensoriais, ou seja, sob forma alucinatória.

“...que o conteúdo de representações não se pensa, mas se modifica em imagens sensíveis a que se dá crédito e se crê vivenciar”.(1)

A compreensão dessa propriedade do trabalho do sonho exigiria (as razões tornar-se-ão evidentes quando tratarmos da figuração) uma concepção tópica do aparelho psíquico, onde ele é pensado como uma sucessão orientada de sistemas.

Esse modelo (esquema) do aparelho psíquico é proposto a partir de uma analogia(2) com (“como se fosse”) um microscópio composto ou um aparelho fotográfico. Isso quer dizer que ele não precisa corresponder a uma realidade anatômica (daí a recusa, embora não radical, de um modelo anatômico, já que há referências anatômicas), sendo apenas uma representação auxiliar, com o objetivo de uma primeira aproximação a algo desconhecido.

“Tais analogias não perseguem outro propósito que nos servir de apoio na tentativa de tornar compre-

(1) Ibid., p.528

(2) Freud : O Movimento de um Pensamento, p. 122

ensível a complexidade da operação psíquica, decompondo-a e atribuindo cada operação singular a componentes singulares do aparelho.”(1)

Assim, a localização psíquica, não no sentido anatômico, corresponderia a um ponto ideal desses instrumentos, não detectável em nenhuma parte efetiva do aparelho, no qual se produziria um dos estados preliminares da imagem. Esse aparelho psíquico é composto de instâncias ou sistemas Psi que possuiriam, entre si, de modo semelhante às lentes do microscópio, uma orientação espacial constante, ou formariam uma sequência fixa, percorrida, temporalmente, por excitações produzidas por determinados processos psíquicos. Essa direção seria, em geral, da extremidade perceptiva à extremidade motora. Freud justifica, assim, a presença dessas extremidades no aparelho psíquico:

“Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por isso, assinalamos, no aparelho, um extremo sensorial e um extremo motor; no extremo sensorial, encontra-se um sistema que recebe as percepções e, no extremo motor, outro que abre as eclusas à motilidade. O processo psíquico transcorre, em geral, dos extremos da percepção para o da motilidade.” (2)

Freud afirma ter construído esse aparelho psíquico como um aparelho de reflexos, já que o esquema do arco-reflexo seria o modelo de toda função psíquica. Entretanto, como veremos mais adiante, esta concepção do aparelho psíquico, calcada no modelo do arco-reflexo, talvez

(1) La Interpretación de los Sueños, p.530

(2) Ibid.

seja aproximada apenas para os estímulos externos, sem valer para os estímulos internos.

Para tornar mais explícita a exposição de como é composto o aparelho psíquico, irei dividi-la em dois momentos, correspondentes a suas duas partes (extremidade sensorial e motora).

a3. Explicitação de sua composição

a3a. Composição do aparelho psíquico no extremo perceptivo

O aparelho psíquico, na sua extremidade perceptiva, é formado por um sistema perceptivo e por vários sistemas mnêmicos, o que permite a Freud dar conta das funções de percepção e memória. Ele não nos mostra como chegou a esse esquema, o que poderia servir para legitimá-lo; observa, apenas, que ele não decorreu nem do sonho nem dos esclarecimentos psicológicos derivados do seu estudo.

O motivo que o leva a postular sistemas diferentes para percepção e memória é o fato de o sistema perceptivo - que recebe estímulos (diversidade de qualidades sensíveis) e com eles supre a consciência - não ter capacidade para conservar as alterações ocorridas em seus elementos, ou seja, ser desprovido de memória. Haveria, assim, uma incompatibilidade entre as particularidades da percepção e da memória, o que leva Freud a propor sistemas diferentes para operações diferentes.

"...devido a dificuldades manifestas para supor que um mesmo sistema deva conservar fielmente alterações sobrevindas a seus elementos e, apesar disso, manter-se sempre aberto e receptivo a novas ocasiões de alteração. Distribuí, então, estas

duas operações entre sistemas diversos.”(1)

Embora Freud não explicita aqui essas dificuldades, elas são explicadas em outros de seus textos e podem ser assim entendidas (baseio-me, nesse momento, em Laplanche [2]): A percepção está ligada à consciência, já que, ao percebermos algo, estaríamos cientes dessa percepção. Desse modo, se o sistema perceptivo conservasse as alterações permanentemente de forma consciente, ele teria sua capacidade limitada para receber novas excitações. Se essas excitações se tornassem inconscientes, teríamos de explicar a existência de processos inconscientes num sistema cujo funcionamento é acompanhado pelo fenômeno da consciência.

Os traços deixados pelas percepções que chegam ao primeiro sistema seriam inscritos, permanentemente, em outros sistemas de memória. Freud supõe vários desses sistemas, ou seja, introduz uma distinção tópica na memória, já que nelas conservaríamos não apenas o conteúdo das percepções mas também o tipo de sua associação. Este tipo estaria fundamentado nos sistemas de maneira que as excitações propagadas pelos elementos perceptivos experimentariam uma fixação de natureza diferente, devido a uma redução na resistência, isto é, ao grau de facilitação existente.

“O primeiro desses sistemas Mn conterá, em todos os casos, a fixação da associação por ‘simultaneidade’, e, nos mais distantes, o mesmo material mnêmico se ordenará segundo outras classes de en-

(1) Ibid., p.531

(2) Vocabulário de Psicanálise, p.666

contro, de tal modo que nesses sistemas mais distantes figurarão, por exemplo, relações de semelhança ou outras.”(1)

Um outro aspecto apontado por Freud, que diferencia, fundamentalmente, percepção de memória, está no fato de as lembranças inconscientes serem desprovidas de qualidade sensorial:

“Quando as lembranças se tornam, de novo, conscientes, elas não mostram qualidade sensorial alguma, ou mostram uma muito ínfima em comparação com as percepções.”(2)

a3b. Composição da outra parte do aparelho psíquico

Se a construção da primeira parte do aparelho psíquico não foi obtida, por Freud, a partir dos sonhos, o mesmo não acontece com a segunda. Nesta, sua composição teria sido estabelecida a partir do sonho, dado que os elementos já estavam presentes no capítulo IV e colocavam a necessidade teórica de entender-se como ocorre a formação do sonho. Eles foram apresentados como duas instâncias (sistemas): uma criticadora, mais estreitamente ligada à consciência, e outra criticada, mais distante da consciência, devido à censura imposta pela primeira.

O que Freud faz agora é nomear e situar essas instâncias (sistemas) num esquema mais amplo, ou, como ele afirma, substituí-las por sistemas cujos nomes são expressos em sua relação com a consciência. Ele também justifica sua nomeação:

(1) La Interpretación de los Sueños, p.532

(2) Ibid., p.533

"Ao último dos sistemas situados no extremo motor chamamos pré-consciente para indicar que os processos de excitação nele ocorridos podem alcançar, sem mais demora, a consciência, sempre que se satisfaçam certas condições; por exemplo, que se alcance certa intensidade, certa distribuição daquela função que recebe o nome de atenção, etc. É, ao mesmo tempo, o sistema que possui as chaves da motilidade voluntária. Ao sistema anterior, chamamos inconsciente, por que ele não tem acesso algum à consciência se não for pela via do pré-consciente. Ao passar por este [devido à censura], seu processo de excitação tem que sofrer modificações". (1)

Após a descrição das razões alegadas por Freud para apresentar esse esquema do aparelho psíquico, investigarei o modo de seu funcionamento no sonho.

(1) Ibid., p.534

PARTE II

FUNCIONAMENTO DO APARELHO PSÍQUICO NO SONHO

Até o momento, acredito ter atingido, parcialmente, o objetivo inicial deste estudo: mostrar, a partir da articulação entre duas apresentações irredutíveis de uma mesma unidade (força e sentido), que elas são fundamentais e inseparáveis, não havendo, portanto, aporia ou contradição entre as mesmas. Que as duas apresentações sejam fundamentais, creio ter apresentado evidências suficientes nos capítulos I e II do presente trabalho; mas quanto ao fato de serem inseparáveis, penso que, apenas através da análise do funcionamento do aparelho psíquico no sonho, poderemos mostrá-lo.

O processo psíquico do sonho é, segundo Freud, o processo primário (regulado pelo princípio do desprazer), que caracteriza o sistema inconsciente. Por ser uma operação do sistema inconsciente, o sonho seria sempre uma realização de desejo, ou seja, sua meta seria realizar desejo e suas forças seriam moções de desejo.

"...o sonho, que realiza seus desejos pelo curto caminho regressivo, conserva-nos um testemunho do modo de trabalho primário de nosso aparelho psíquico, abandonado por ser inadequado. O sonhar é um renascer da vida infantil da alma já superada."⁽¹⁾

(1) La Interpretación de los Sueños, p.559

O sonho não é, contudo, um processo tão primário quanto o vivenciado pelo aparelho em sua fase primitiva, onde não havia ainda dois sistemas. Isso ocorre porque a elaboração onírica não é explicada apenas a partir do sistema inconsciente, dado que o sistema pré-consciente intervém nela ativamente. Todavia, a atividade deste segundo sistema sofre um rebaixamento, que torna possível a formação do sonho. Para tal formação ser possível é necessário, por um lado, que se evite a censura e, por outro, que haja, em todos os casos, uma diminuição da resistência da censura do pré-consciente enquanto se dorme. "O estado de dormir possibilita a formação do sonho porque rebaixa a censura endopsíquica."(1) O que permite esse rebaixamento é o fato de o pré-consciente se acomodar ao desejo de dormir, o que provoca alterações nos investimentos desse sistema.

A justificativa para a tese de que a atividade do sistema pré-consciente foi diminuída, mas não cancelada, é a existência da desfiguração onírica, cuja contribuição para a formação do sonho pode ser assinalada. A desfiguração não pode ser explicada somente a partir do Inconsciente. Ela é consequência da relação entre os dois sistemas e a censura de um sobre o outro.

"Do sonho, até agora, só sabemos que expressa uma realização de desejo do inconsciente; parece que o sistema dominante, o pré-consciente, o permite depois de constrangê-lo a certas desfigurações." (2)

(1) Ibid., p.520

(2) Ibid., p.562

Assim, é fundamental a análise dos processos de desfiguração responsáveis pela elaboração onírica (deslocamento, condensação, figuração, elaboração secundária), pois eles parecem apontar-nos para a ligação intrínseca entre sentido e força. Eles são intencionais, dado que desfiguram o desejo com a finalidade de obtenção de prazer, ou seja, produzem-se a fim de evitarem ou resolverem um conflito. Esses processos, porém, só são possíveis devido às forças que agem no aparelho psíquico, deformando e ocultando a verdadeira intenção do sonho. Podemos, então, dizer que a narrativa do sonho é o conteúdo manifesto, resultante da ação de forças que militam contra o sentido. Sem elas, não haveria como explicar a distorção, aliás, não haveria nenhuma distorção. Por conseguinte, o sentido não pode ser pensado sem as forças. Todavia as forças não existem isoladas, visto que só são constatadas, levadas em conta, quando há distorções de sentido que deformam e ocultam os fins verdadeiros. Desse modo, talvez possamos afirmar que a articulação entre força e sentido é explicitada nos processos em que há ocultamento do sentido através de um choque de forças no aparelho psíquico. Acreditar que as forças pudessem ser pensadas antes da distorção do sentido é crer que a psicanálise possa ser preditiva. Isto é um absurdo e leva, imediatamente, à tentativas de reformulá-la em termos mais científicos. Mas, por outro lado, permanecer apenas ao nível do sentido é abandonar a pretensão de justificar a natureza da distorção produzida.

Passarei, portanto, a investigar, tendo em conta essas considerações, os mecanismos de elaboração onírica, ou seja, os processos de

disfarce geradores do conteúdo manifesto do sonho e responsáveis pelo aparecimento das ligações superficiais na sua narrativa. Analisarei cada um deles, procurando explicitar, em primeiro lugar, sua característica de desfiguração do sentido. A seguir, com a finalidade de indicar a ligação intrínseca do sentido com as forças, considerarei seu duplo aspecto: enquanto resultantes da tradução de pensamento pré-consciente a um modo de expressão governado pelas leis do processo primário no transcurso da regressão, e enquanto parcialmente resultantes de efeitos restritivos e críticos da censura exercida sobre os impulsos inconscientes de desejo.

a. Deslocamento - transferência de investimentos devido à censura

Segundo Freud, estamos acostumados a pensar que as representações mais vivas para a consciência seriam as mais importantes, as de maior valor psíquico. Contrariando, frequentemente, essa expectativa, após a análise, descobre-se que os elementos essenciais do conteúdo manifesto não o seriam no pensamento do sonho, ocupando, mesmo, um papel subordinado entre os pensamentos oníricos, e vice-versa, os elementos que, no pensamento onírico, são fundamentais, não aparecem, ou recebem pouca referência no conteúdo do sonho.

"O sonho está, por assim dizer, diversamente centrado, e seu conteúdo ordena-se em torno de um centro constituído por outros elementos que os pensamentos oníricos."(1)

(1) Ibid., p.311

Desse modo, os elementos do pensamento onírico, sobre os quais recai um interesse intenso (elementos essenciais), teriam um valor ínfimo (poderiam, até mesmo, estar ausentes) no conteúdo do sonho, sendo possível substituí-los por outros elementos também de valor ínfimo para o pensamento onírico.

Para a compreensão desse processo de formação dos sonhos (deslocamento), Freud recorre ao estudo da sobredeterminação do conteúdo onírico, segundo a qual cada elemento do sonho está relacionado a vários pensamentos oníricos. Essa sobredeterminação, decisiva para a seleção do conteúdo do sonho, não seria um fator primário de sua formação, mas apenas o resultado de um poder psíquico, ainda desconhecido. Esse poder funcionaria assim:

"...no trabalho onírico, exterioriza-se um poder psíquico que, por um lado, despoja os elementos de alto valor psíquico de sua intensidade e, por outro, fornece aos elementos de valor ínfimo novas valências pela via da sobredeterminação, fazendo com que eles alcancem o conteúdo onírico."(1)

Aceitando essa perspectiva na formação do sonho, teríamos o deslocamento onírico, definido por Freud como:

"...uma transferência e um deslocamento das intensidades psíquicas dos elementos singulares, do qual deriva a diferença de texto do conteúdo e dos pensamentos oníricos."(2)

(1) Ibid., p.313

(2) Ibid.

O deslocamento onírico provocaria a desfiguração do conteúdo do sonho, ou seja, o desejo onírico do inconsciente apareceria desfigurado no conteúdo manifesto do sonho. "O deslocamento onírico é um dos principais meios para alcançar esta desfiguração."(1)

Em "Sobre os Sonhos", Freud atribui ao deslocamento um papel ainda mais fundamental na desfiguração:

"Nenhum outro processo contribui tanto para esconder o sentido do sonho e tornar irreconhecível o trabalho entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos."(2)

Não é por acaso que Freud relaciona o grau de obscuridade de um sonho ao seu grau de deslocamento:

"Quanto mais obscuro e confuso é um sonho, tanto maior é a parte que, lícitamente, se pode adscriver, em sua formação, ao fator deslocamento."(3)

Para Freud, o tipo de deslocamento, até então apresentado, consiste na substituição de uma representação (elemento) por outra vizinha na associação, sendo esta uma representação visual.

Haveria um outro tipo de deslocamento, revelado pela análise, que consistiria "numa mudança da expressão verbal dos pensamentos respectivos"(4), ou seja, "um elemento permuta as palavras que o expressam

(1) Ibid., p.314

(2) Sobre el Sueño, p.637

(3) Ibid., p.638

(4) La Interpretación de los Sueños, p.345

pelas que expressam outro"(1). Nesse deslocamento, em geral, "uma expressão insípida e abstrata do pensamento onírico é trocada por uma expressão pictórica e concreta."(2)

Essa mudança de expressão (segundo tipo de deslocamento) favoreceria, também, à desfiguração onírica.

"Quando uma palavra ambígua é empregada no lugar de duas inequívocas, o resultado é desnorteador; e quando nosso sóbrio método cotidiano de expressão é substituído por um método pictórico, nossa compreensão fica paralisada, visto que um sonho nunca nos diz se seus elementos devem ser interpretados literalmente ou num sentido figurado, ou se devem ser ligados ao material dos pensamentos oníricos diretamente ou por intermédio de alguma interlocução intercalada."(3)

Essa desfiguração, conseqüente do deslocamento, é explicada a partir da teleologia presente no funcionamento do aparelho psíquico durante o sonho. Isso quer dizer que, se por um lado, ela serve ao interesse de subtrair-se à censura da resistência, evitando o desprazer, por outro, tal censura remete à relação entre os sistemas Icc e Prcc no aparelho psíquico.

Desse modo, a relação entre intenção e força também pode ser explicitada a partir do processo de deslocamento - que, como se mostra no capítulo VII (de "A Interpretação dos Sonhos), envolve transferência de investimentos - quando este é descrito a partir da relação en

(1) Ibid.

(2) Ibid.

(3) Ibid., p.347

tre os sistemas pré-consciente/consciente e o inconsciente. É importante observar que as considerações que se seguem não são válidas para os sonhos onde o desejo aparece de forma explícita (sonhos infantis), mas apenas para aqueles onde é irreconhecível (desfigurado) e, portanto, onde se presentifica a censura. No caso do primeiros, valem as observações feitas sobre a produção de sentido.

A relação entre os sistemas é explicitada por Freud a partir dos seus elementos constitutivos. O pré-consciente seria a sede dos restos diurnos, por exemplo, dos desejos que foram excitados durante o dia, mas que, devido a condições externas, não obtiveram satisfação, das preocupações que nos atormentavam durante o dia, das representações e impressões indiferentes, ou seja, daquelas que não tiveram maior significado para quem as elaborou. Esses restos agem enquanto dormimos.

"Problemas não solucionados, preocupações martirizantes, um excessivo afluxo de impressões, fazem com que a atividade de pensamento prossiga também enquanto dormimos e mantenha processos anímicos no sistema que denominamos 'pré-consciente' "(1)

Os restos diurnos, embora participantes ativos, e até dominantes, no conteúdo do sonho, assim como são excitadores importantes do mesmo (importantes por introduzirem intensidades psíquicas no estado de dormir), poderiam contribuir para a produção do sonho. Entretanto, eles não são suficientes para criar um sonho. Segundo Freud, a única exceção a esta condição estaria nos sonhos infantis, onde um desejo diurno

(1) Ibid., p.547

não satisfeito poderia excitar um sonho. Portanto, os restos diurnos teriam, na verdade, um papel secundário na formação do sonho, exigindo, para agirem, reforços advindos de um outro sistema.

O inconsciente (o outro sistema) seria tanto a sede de desejos, surgidos e sufocados durante o dia, como de desejos incapazes de se manifestarem no período diurno (de transporem o sistema inconsciente). À noite, eles "põem-se em movimento a partir do sufocado".(1) Os desejos reprimidos de nosso inconsciente seriam de origem infantil e, por conseguinte, de natureza sexual; daí o empenho em sufocá-los, já que, comumente, entram em choque com os valores transmitidos pela educação que recebemos desde a infância, com os objetivos do pré-consciente. Entretanto, embora sufocados, continuam agindo durante o sono, sendo reforço indispensável (trariam a força impulsora que falta ao pré-consciente) para a excitação de um sonho.

"Considero esses desejos inconscientes, de acordo com as indicações que recolhi na psicanálise das neuroses, como estando sempre alerta, dispostos, a todo momento, a procurarem expressão quando se oferece a oportunidade para aliar-se com uma moção do consciente e transferir sua maior intensidade à menor intensidade deste."(2)

Entretanto, se, por um lado, os restos diurnos (representações pré-conscientes) têm um papel secundário na formação do sonho, esse papel seria, também, indispensável, uma vez que possibilitaria às re-

(1) Ibid., p.544

(2) Ibid., p.545

representações inconscientes (desejos reprimidos), incapazes de ingressar no pré-consciente em consequência da censura, o estabelecimento de vínculos com tais restos, ou seja, permitiria exteriorizar um efeito no pré-consciente. Isso é possível a partir do fenômeno da transferência (deslocamento), pois, através desse vínculo, ocorreria uma transferência de intensidade de uma representação para a outra, transferência esta que pode modificar a representação pré-consciente ou deixá-la inalterada em seu conteúdo, mas com uma intensidade excessiva.

"Vemos, assim, que os restos diurnos... não só tomam algo emprestado do Icc, quando conseguem participar na formação do sonho, ou seja, a força pulsional de que dispõe o desejo reprimido, mas também oferecem ao inconsciente algo indispensável, o apoio indispensável para aderir à transferência."⁽¹⁾

É importante observar que, ao mesmo tempo em que ocorre a transferência, as representações inconscientes são encobertas. Assim, o inconsciente liga-se, preferencialmente, às impressões e às representações indiferentes, recentes ou rejeitadas do pré-consciente. Elas são as que menos temem a censura, ou seja, escapam à censura. Isso é possível porque as impressões e representações recentes e indiferentes serviriam ao reprimido, satisfazendo sua exigência fundamental de ser um material praticamente livre de associações:

"...as indiferentes porque não oferecem ocasião alguma a extensas conexões, e as recentes porque falta tempo para isto."⁽²⁾

(1) Ibid., p.556

(2) Ibid.

O desejo inconsciente, durante o dia ou durante o sonho, transfere, por conseguinte, para os restos diurnos, dos quais não se retirou inteiramente, o investimento energético ou para os que foram despertados durante o dia ou para os dois casos.

"Assim, ele engendra um desejo, transferido ao material recente, ou o desejo recente sufocado recebe nova vida pelo reforço que vem do inconsciente."
(1)

Podemos explicar o processo através do que ocorre no interior do aparelho psíquico. Ao querer penetrar na consciência através do Prcc, o desejo inconsciente choca-se com a censura do Pré-consciente e desfigura-se através da transferência de investimento. Assim, a desfiguração, provocada pela transferência (deslocamento), é consequência do choque entre os sistemas Prcc e Icc. Não se torna algo como uma representação obsessiva ou uma idéia delirante, ou seja, "um pensamento reforçado pela transferência e desfigurado em sua expressão pela censura"(2), pois o estado de sono do pré-consciente não permite seu avanço. Freud explica essa possibilidade ao assinalar que:

"...provavelmente esse sistema [Prcc] se protegeu de sua invasão, rebaixando suas próprias excitações."(3)

O desejo empreende, então, o caminho de volta (regressivo), por

(1) Ibid., p.565

(2) Ibid.

(3) Ibid.

meio do qual adquire o atributo de figurabilidade (ver ítem 'C').

O deslocamento é, portanto, exigido pela censura onírica (produto da repressão), visto que a realização do desejo inconsciente provocaria o desprazer, pois é contrário ao desejo (objetivos) do pré-consciente. Isto poderia levar ao despertar do sono, o que contrariaria o desejo de dormir do pré-consciente. Como o inconsciente busca o prazer, ocorre, no sonho, uma solução intermediária que satisfaz as duas instâncias. O desejo inconsciente realiza-se disfarçado.

Desse modo, o conteúdo manifesto do sonho é produto de um conflito de intenções dos dois sistemas que, embora tenham como orientação fundamental a obtenção do prazer, são incompatíveis entre si. O conflito de intenções resulta na produção do conteúdo manifesto enquanto disfarce da intenção do inconsciente. O deslocamento a oculta e o resultado é a presença do conteúdo manifesto como algo que parece desprovido de sentido. Esse conflito de intenções manifesta-se no aparelho psíquico como conflito de forças, que não podem ser consideradas independentemente do sentido, mas que sempre o supõem, pois a repressão (a consequência da censura) só se apresenta, só pode ser apontada, quando há distorção de sentido. Em outros termos, a repressão age através do jogo de forças, mas só ela pode justificar os desvios do sentido, ou melhor, a produção de contra-senso. Ignorá-la é tornar-se incapaz de explicitar o porquê da ausência de sentido; acreditar que apenas ela é relevante, é desprezar o caráter inequivocamente semântico da psicanálise.

b. Condensação de investimentos devido à censura

A narrativa do sonho é produto, também, de um outro processo que intervém na elaboração onírica e que, embora tenha a sua especificidade, não pode ser pensado independentemente do deslocamento: a condensação. Para Freud, o conteúdo manifesto do sonho é uma condensação, qualitativa e quantitativa, de pensamentos oníricos. A condensação é qualitativa na medida em que o conteúdo do sonho não expressa o conjunto de representações. Do mesmo modo, as articulações presentes entre elas no pensamento do sonho não revelam sua intenção.

A condensação quantitativa seria inferida da desproporção entre dois elementos:

"O sonho ocupa meia página, quando escrito; em compensação, se se quer escrever a análise estabelecida pelos pensamentos do sonho, é necessário um espaço seis, oito ou doze vezes maior."(1)

A cota de condensação não seria rígida, ou seja, poderia variar de um sonho para o outro; além disso, seria indeterminável, pois não haveria como assegurar que uma interpretação tivesse chegado ao seu fim.

A existência de condensação faria com que poucos elementos dos pensamentos oníricos pudessem alcançar o conteúdo manifesto do sonho. Os elementos que o conseguem seriam como pontos nodais para onde convergiriam (onde se reuniriam) vários pensamentos oníricos. Eles teriam

(1) Ibid., p.267

sido escolhidos justamente por permitirem essa convergência, sugerindo, por conseguinte, a existência de uma intencionalidade nesse processo.

Assim, uma das características do processo de condensação seria o que Freud chama de sobredeterminação:

"Cada um dos elementos do conteúdo do sonho aparece como sobredeterminado, como sendo substituto de múltiplos pensamentos oníricos."(1)

Se cada elemento do conteúdo onírico está relacionado a vários elementos dos pensamentos oníricos, onde cada um é determinado de maneira múltipla, também ocorre o oposto, ou seja, há elementos oníricos que se configuram "a partir da massa total dos pensamentos oníricos". Freud explicita tal característica a partir de uma analogia com o processo eleitoral:

"A formação do sonho não se realiza como se cada pensamento onírico singular ou cada grupo deles fornecesse uma abreviação para o conteúdo do sonho e, depois, o pensamento seguinte oferecesse outra abreviação na qualidade de substituto, como acontece a um eleitorado que designasse um deputado por distrito; toda massa do pensamento onírico é, ao contrário, submetida a uma certa elaboração, após a qual os elementos que têm mais e melhores apoios são selecionados para ingressar no conteúdo onírico. Vale como analogia a eleição por listas"(2)

O trabalho de condensação se expressar-se-ia (seria figurado, co-

(1) Ibid., p.291

(2) Ibid., p.292

mo veremos a seguir) por vários meios, como, por exemplo, nomes, palavras, pessoas mistas, etc.

Por ora, quero apenas observar que esses modos de expressão, decorrentes do processo de condensação, são uma desfiguração dos pensamentos oníricos latentes.

Essa desfiguração, decorrente da condensação, também é explicada a partir da transferência de investimentos assim como pela relação entre os sistemas Pré-consciente e Inconsciente no aparelho psíquico e pela presença da censura entre eles.

A condensação também age regressivamente na direção da percepção. Podemos dizer que tanto ela como o deslocamento formam dois aspectos de processos interligados e semelhantes. São interligados pelo fato de o deslocamento favorecer, em seus dois tipos, os interesses da condensação. A substituição de uma representação (elemento) por outra possibilitaria que:

“...em lugar de dois elementos, conseguiria ser recolhido, em um sonho, um só, algo comum e intermediário entre ambos.”(1)

Do mesmo modo, a substituição de uma expressão verbal por outra serviria aos interesses da condensação, visto que um pensamento onírico, transformado em linguagem pictórica, facilitaria o estabelecimento de contrastes e identificações (é mais rica em associações) entre a nova forma de expressão e o material subjacente do sonho.

(1) Ibid., p.345

"Podemos supor que boa parte do trabalho intermediário executado durante a formação de um sonho, que procura reduzir os pensamentos oníricos dispersos à expressão mais sucinta e unificada possível, se processe no sentido de encontrar transformações verbais apropriadas para os pensamentos isolados. Qualquer pensamento, cuja forma de expressão porventura seja fixa, por outras razões, age de maneira determinante e seletiva sobre as possíveis formas de expressão destinadas aos outros pensamentos, e talvez o faça desde o início."
(1)

Enfim, as palavras serviriam à condensação onírica porque, sendo o ponto nodal de numerosas representações, seriam consideradas como predestinadas à ambiguidade. Esse favorecimento é possível porque são aspectos de processos semelhantes. Como as intensidades de representações podem deslocar-se, formando representações de grande intensidade, a condensação ocorreria quando, em decorrência da repetição desse processo, a intensidade de toda uma cadeia de pensamentos se concentrasse num único elemento de representação, que possuiria um alto grau de significação psíquica, ou seja, uma grande intensidade.

"É o mesmo que acontece quando, ao preparar um livro para publicação, faço com que alguma palavra de importância especial para a compreensão do texto seja impressa em tipo espaçado ou em negrito, ou quando, ao falar, pronuncio essa mesma palavra em voz alta, lentamente e com ênfase especial."
(2)

Por serem aspectos semelhantes, aqui também são válidas as considerações que fizemos a respeito do deslocamento no que se refere à re

(1) Ibid., p.346

(2) Ibid., p.585

lação força/sentido. Assim, a condensação é intencional e serve ao disfarce, pois a característica de fantástico que ela confere aos sonhos permite que o desejo inconsciente se furte à censura, dando, portanto, as condições necessárias para conciliar o interesse das duas instâncias. Por outro lado, ela não pode ser pensada independentemente das forças presentes entre os sistemas Pccc e Icc.

C. Figuração e Censura

Freud entende por figuração a característica (já anteriormente citada no capítulo II) notável, do processo de sonhar de tornar sensível (imagens sensoriais) o conteúdo das representações, ou seja, de alucinar.

"...que o conteúdo de representações não se pensa, senão que se modifica em imagens sensíveis a que se dá crédito e se crê vivenciar."(1)

Desse modo, chegamos ao terceiro fator que seria importante na transformação dos pensamentos do sonho em conteúdo onírico: a representabilidade em imagens visuais. Freud aponta a intencionalidade desse processo, visto que há uma escolha dos elementos que vão permitir uma representação visual.

"Dentre os vários pensamentos acessórios ligados aos pensamentos oníricos essenciais, dá-se prefe-

(1) La Interpretación de los Sueños, p.528

rência àqueles que admitem representação visual. O trabalho do sonho não se furta ao esforço de remodelar pensamentos inadaptaáveis numa nova forma verbal - mesmo numa que seja menos usual - contanto que esse processo facilite a representação e, desse modo, alivie a pressão psicológica causada pela constrição da ação de pensar."(1)

Esse processo de figuração também contribui para a distorção do conteúdo do sonho. Para mostrá-lo, apresentarei duas de suas características: a primeira é o modo como os sonhos figuram as relações lógicas existentes nos pensamentos oníricos; a outra é a intensidade da figuração onírica, quando relacionada aos pensamentos do sonho.

Figuração das relações lógicas nos sonhos

Freud entende que o material obtido na interpretação não tem o mesmo valor, ou seja, haveria, de um lado, pensamentos de menor importância, ou fios colaterais, que ele define como:

"...vias porque passa o desejo genuíno que surge dos pensamentos oníricos, antes de converter-se no desejo do sonho." (2)

Por outro lado, existiriam pensamentos essenciais, os que interessam a Freud, cujas características específicas seriam as seguintes:

"Na maioria das vezes, eles se revelam como um complexo de pensamentos e de lembranças, de construção extremamente intrincada, e que possuem todas as propriedades das ilações de pensamentos que conhecemos durante a vigília. Não é raro que sejam

(1) Ibid., p.349

(2) Ibid., p.317 (nota 3)

intinerários de pensamentos que partem de mais de um centro, embora em contato; quase regularmente, junto a uma ilação (encadeamento?) de pensamentos apresenta-se sua contrapartida contraditória, conectada com ela por associação de contraste."(1)

Os fragmentos singulares deste complicado produto manteriam entre si as mais variadas relações lógicas. Configurariam, primeiro e segundo plano, digressões e elucidações, condições, demonstrações e objeções. Nele estariam presentes conjunções indispensáveis à compreensão de orações e discursos: se, porque, assim como, embora, etc.

O sonho não teria como figurar essas relações lógicas entre os pensamentos oníricos.

"Na maioria das vezes, omite todas essas conjunções e só recolhe, para elaborá-lo, o conteúdo substantivo dos pensamentos oníricos. A interpretação do sonho é que deverá restaurar a trama [grifo meu] que o trabalho do sonho aniquilou."(2)

O trabalho do sonho se utiliza-se, porém, de alguns meios para figurar essas relações do material onírico, tão difíceis de serem figuradas. Indico, abaixo, embora de forma resumida, alguns desses meios e as relações que eles figuram:

- a) O nexa existente entre todos os fragmentos dos pensamentos oníricos é figurado em uma unidade como situação ou processo, como simultaneidade;
- b) As relações causais entre dois fragmentos são figuradas, em alguns poucos casos, de duas maneiras, cuja característica comum seria a sucessão.

(1) Ibid.

(2) Ibid., p.318

Em primeiro lugar, uma sucessão dos elementos, os quais seriam figurados por meio de uma cisão entre uma introdução breve e um sonho posterior mais amplo. Neste caso, os sonhos sucedem-se. Em segundo lugar, elas seriam figuradas através de uma transformação, ocorrida diante de nossos olhos, de uma pessoa ou coisa em outra. Aí, a sucessão seria de imagens.

c) A alternativa 'ou...ou' não pode ser expressa, sendo seus dois termos inseridos em uma trama como igualmente justificados.

d) As categorias de oposição, contradição e o 'não' são, na maioria das vezes, omitidas no sonho, parecendo não existir para ele. Os opostos seriam compostos em uma unidade ou figurados em elementos idênticos (identificação). O 'inverso' não chegaria como tal ao conteúdo onírico, mas manifestaria sua presença pelo fato de inverter um fragmento já configurado do conteúdo onírico. O 'não' poderia, também, expressar-se no sonho por intermédio da impossibilidade de consumir-se algo que seria expressão da contradição.

Haveria uma relação lógica privilegiada, pois, por ser extremamente favorecida pelos mecanismos de formação dos sonhos, ela poderia ser figurada por diversos meios: relação de semelhança, concordância, contato, 'assim como'.

Essas relações, auxiliadas pelo afã de condensação, seriam figuradas no sonho reunidas em uma unidade, que Freud chama de identificação, quando já existe nos pensamentos oníricos ou formação mista, quando uma nova unidade é criada.

A identificação, onde o material reunido numa unidade são pessoas, consistiria no seguinte:

"...só uma das pessoas enlaçadas por algo comum consegue ser figurada no conteúdo (manifesto) do sonho, enquanto a outra ou outras aparecem sufocadas para ele. Mas esta única pessoa encobridora entra no sonho em todas as relações e situações

que derivam delas ou das pessoas encobertas.”(1)

A formação mista, que pode constituir-se tanto de pessoas quanto de coisas, consistiria, quando se trata de pessoas mistas, em uma nova unidade bem definida, que reuniria características peculiares, mas não comuns a diversas pessoas, como: nome, traços visuais, gestos, palavras que dizem, situação em que se encontram.

A identificação ou formação de pessoas mistas serviria no sonho para figurar algo comum a duas pessoas, um elemento comum deslocado e um elemento comum desejado. Ela confere uma característica fantástica aos sonhos, cujo conteúdo manifesto é completamente distinto do pensamento onírico, contribuindo, assim, para oculta-lo.

Intensidade sensorial da figuração onírica com respeito aos pensamentos do sonho

Freud indica, como um dos caracteres formais que se destaca no sonho, as diferenças de intensidade sensorial entre produtos oníricos singulares. Essas intensidades abrangeriam desde uma forte ênfase até uma completa indistinção.

Essa diferença não decorreria da influência de impressões reais que recebemos enquanto dormimos.

“Não é certo que os elementos do sonho, que são retornos de impressões reais sobrevindas enquanto se dorme (estímulos nervosos), distingam-se por sua vivacidade sobre os outros que provêm de lem-

(1) Ibid., p.326

branças." (1)

Ela também seria uma consequência da maior ou menor intensidade (significação, importância) dos pensamentos oníricos que se relacionam com os elementos mais destacados do conteúdo manifesto do sonho.

"Nós sabemos que, precisamente esses elementos, por causa da censura, quase nunca são acolhidos no conteúdo onírico." (2)

Isso ocorre porque a intensidade dos elementos no conteúdo manifesto não teria nada a ver com a intensidade dos pensamentos latentes correspondentes. Entre um e outro ocorreria uma "total subversão de todos os valores psíquicos". (3)

Freud explica a intensidade desses elementos do sonho a partir de dois fatores, independentes entre si. O primeiro é o fato de os elementos mais intensos (vivididos) do sonho serem aqueles pelos quais se expressa a realização de desejo, embora os elementos à sua volta, que nada têm a ver com o sentido do desejo, devido à ligação com o elemento central, também poderem ter recebido intensidade suficiente para serem figurados.

"Na maioria dos sonhos pode reconhecer-se um centro provido de uma intensidade sensível particular... Este é, em geral, a figuração direta da realização de desejo, pois se endereçamos os deslocamentos produzidos pelo trabalho do sonho, achamos

(1) Ibid., p.334

(2) Ibid.

(3) Ibid., p.335

que a intensidade psíquica dos elementos incluídos nos pensamentos oníricos foi substituída pela intensidade sensorial dos elementos do conteúdo do sonho.”(1)

O outro fator reside no fato de os elementos mais intensos serem os mais determinados, ou seja, aqueles que exigiram um trabalho maior de condensação em sua formação.

A figuração também é explicada a partir do aparelho psíquico. Ela é vista como regressão que ocorre no aparelho, ou seja, Freud explicita essa característica supondo que a excitação das representações se move em sentido regressivo, isto é, até o sistema perceptivo. Assim, no sonho, a direção do movimento seria contrária ao do estado de vigília, onde os processos psíquicos que brotam no inconsciente teriam uma direção progressiva.

“Em lugar de propagar-se para o extremo motor do aparelho, o faz para o extremo sensorial e, por último, alcança o sistema das percepções.”(2)

O que tornaria possível, provavelmente, o investimento do sistema P na direção inversa (partindo do pensamento até atingir o nível de completa vividez sensorial) seria uma alteração do processo psíquico normal que ocorreria nos sonhos, ou seja, “que as intensidades ligadas às representações podem ser completamente transferidas pelo trabalho

(1) Ibid., p.554

(2) Ibid., p.536

do sonho de uma representação para outra.”(1) Nesse sentido, o deslocamento, que se caracteriza por uma mudança de expressão verbal, favoreceria (e esse seria seu objetivo) à figuração. Isso aconteceria porque a linguagem pictórica, ao contrário das expressões abstratas, seria susceptível de ser figurada.

Freud acredita que seja possível explicar a modificação que permitiria a regressão, ou seja, o fato de, no sonho, a representação tornar-se uma imagem visual. O eixo dessa crença é entendida, de um lado, a partir da censura do Cc sobre determinados pensamentos e, de outro, pela atração desses pensamentos pelo Icc.

“...essa regressão, onde quer que ocorra, é efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento para a consciência pela via normal, e de uma atração simultânea exercida sobre o pensamento pela presença de lembranças dotadas de grande força sensorial. No caso dos sonhos, a regressão talvez seja ainda facilitada pela cessação da corrente progressiva que emana, durante o dia, dos órgãos dos sentidos; noutras formas de regressão, a ausência desse fator auxiliar precisa ser compensada por uma intensificação de outros motivos para ela.” (2)

Este fenômeno da regressão teria, ainda, a virtude de possibilitar a compreensão da dificuldade e mesmo a impossibilidade de figuração das relações lógicas nos sonhos:

“Segundo nosso quadro esquemático, essas relações não estão contidas nos primeiros sistemas Mn, mas em sistemas posteriores; e, havendo regressão, elas perderiam, necessariamente, qualquer meio de

(1) Ibid.

(2) Ibid., p.541

expressar-se, exceto por imagens perceptivas. Na regressão, a trama dos pensamentos oníricos decompõe-se em sua matéria-prima.”(1)

Até aqui, teríamos duas partes completas da trajetória do processo onírico, uma progressiva e a outra regressiva:

“...a primeira parte se estende, em sentido progressivo, das cenas ou fantasias inconscientes até o pré-consciente; a segunda parte volta do limite da censura até as percepções.”(2)

Como a censura é um componente fundamental da regressão (figuração), valem, aqui, as mesmas conclusões que estabelecemos com respeito à relação força-sentido, no caso do deslocamento e da condensação. Não podemos entender o porquê da existência do conteúdo manifesto, de sua necessidade - distorção intencional do sentido - sem levar em conta o choque de forças entre os sistemas pré-consciente e inconsciente, além do movimento em direção ao sistema perceptivo que explicita a figuração, isto é, sem recorrer ao outro lado da mesma manifestação, à teoria do aparelho psíquico.

D. Elaboração Secundária e Censura

Para Freud, nem todo o conteúdo do sonho, cuja expressão é sua narrativa, proviria dos pensamentos oníricos, ou seja, expressaria pensamentos inconscientes. A instância psíquica responsável pela cen-

(1) Ibid., p.537

(2) Ibid., p.565

sura teria uma participação regular na formação do sonho, trazendo contribuições (intercalações e acréscimos) ao conteúdo onírico. Isso quer dizer que, mesmo após o despertar, essa segunda instância continuaria interferindo na formulação dos sonhos, ou seja, o sonho não é formado apenas durante o sono. Freud indica-nos como reconhecer essas contribuições de segunda instância:

"...essas partes se relatam com titubeios, são introduzidas com um 'como se', carecem em si e para si de uma vivacidade particularmente alta, e sempre se acomodam em lugares onde podem servir ao enlace de dois fragmentos do conteúdo onírico, à facilitação de um nexos entre duas partes do sonho. Sua capacidade de permanência na memória é menor do que a dos genuínos retornos do material onírico; quando o sonho sucumbe ao esquecimento, são elas que caem primeiro, e eu tenho a forte presunção de que nossa frequente queixa, a de que sonhamos tanto e esquecemos a maior parte dos nossos sonhos, não conservando senão fragmentos dos deles, deve-se à rápida dissipação desses pensamentos agregadores." (1)

Essa função psíquica (elaboração secundária), operante na formação dos sonhos, usaria, normalmente, o que lhe convém do material onírico e só raramente produziria novas criações. Seria através de sua atividade que o sonho perde, em alguns casos, seu aspecto absurdo e incoerente e aproxima-se do modelo de uma vivência inteligível.

Deste modo, essa função psíquica elaboraria o sonho de maneira semelhante ao pensamento de vigília; assim, os sonhos parecem ter um sentido, porém é importante observar que, em verdade, esse sentido es-

(1) Ibid., p.486

tá afastadíssimo de seu real significado, ou seja, está desfigurado. Esses sonhos já teriam sido interpretados antes de serem submetidos à interpretação de vigília.

Isso não acontece, contudo, em todos os sonhos: em alguns, a elaboração apenas se inicia, fazendo com que o que se segue se torne disparatado ou confuso. E em outros, quando a elaboração fracassa completamente, deparar-nos-íamos com um conteúdo sem nenhum sentido.

Embora esse processo de elaboração secundária esteja a serviço de tornar o sonho compreensível, de libertar-se do conteúdo ininteligível e desconexo produzido pela elaboração onírica, nem por isso ela deixa de distorcer o conteúdo latente do mesmo, uma vez que produz um novo significado, diferente daquele do conteúdo latente.

Freud explica esse processo a partir do funcionamento da consciência (sistema Cc) no estado de vigília, o que se torna mais explícito quando atentamos para o jogo de forças.

A consciência no estado de vigília

Freud concebe o sistema Cc (consciência) em analogia com o sistema perceptivo, porque ele seria excitado por (estaria apto a receber) qualidades sensíveis, sem, no entanto, conservá-las, ou seja, como a percepção, a consciência não teria memória. Seria um "órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas."(1)

(1) Ibid., p.603

O sistema Cc receberia excitações do sistema perceptivo (periféria do aparelho) e do interior do aparelho psíquico. Essas últimas, resultantes das transposições de energia ocorridas no interior do aparelho, seriam percebidas pela consciência sob forma de qualidades: prazer e desprazer. Para Freud, só os processos psíquicos, capazes de gerar prazer ou desprazer, seriam percebidos pela consciência, enquanto os outros funcionariam de maneira inconsciente e por deslocamento de quantidade. Essa percepção de prazer e desprazer influiria sobre a circulação de investimentos no aparelho psíquico, onde a quantidade móvel de investimentos da consciência dirigiria ou não o investimento da atenção a essas qualidades. Esse deslocamento de investimentos não seria, entretanto, regulado, apenas e automaticamente, pelo princípio de desprazer (embora inicialmente o possa ter sido), pois, para possibilitar operações mais elaboradas, o decurso das representações deveria ser autônomo em relação a esse princípio.

"...mas é muito possível que a consciência dessas qualidades introduza, além disso, uma segunda regulação, mais discriminadora, que pode, até, opor-se à primeira e que aperfeiçoa a eficiência do aparelho, capacitando-o, em contradição com seu plano original, a investir e elaborar até mesmo aquilo que está associado à liberação de desprazer."(1)

A atenção da consciência volta-se, também, para os processos de pensamento pré-conscientes, quando esses, que por si só não possuem qualidades para atraí-la, ligam-se com o sistema mnêmico, provido de

(1) *ibid.*, p.664

qualidade dos signos linguísticos. Isso significa que a tomada de consciência dos processos de pensamento dependeria da associação com os restos verbais.

"Para prestar-lhes uma qualidade, são associados, no ser humano, com recordações verbais, cujos restos de qualidade bastam para atrair sobre si a atenção da consciência e para dotar o pensar, a partir desta, de um novo investimento móvel." (1)

Assim, a consciência, além de ser um órgão sensorial para as percepções, é também um órgão sensorial para parte dos processos de pensamento.

"Assim, existem, agora, por assim dizer, duas superfícies sensoriais, uma voltada para a percepção, e a outra, para os processos de pensamento pré-conscientes." (2)

A consciência e o sonho

Considerando a figuração como a segunda parte do processo onírico, ou seja, como sendo regressiva, nós, agora (após a exposição do funcionamento da consciência na vigília), apresentaremos a terceira parte do processo onírico, de novo progressiva.

No sono, a superfície sensorial da consciência, voltada para o sistema perceptivo, seria mais excitável do que a voltada para o sistema pré-consciente, visto que, como o pré-consciente exige o dormir, não deveria aí ocorrer o pensar. Todavia, o sonho ao tornar-se percep-

(1) Ibid., p.605

(2) Ibid., p.566

ção, excita a consciência que lhe dirige uma parte do investimento da energia disponível no pré-consciente na qualidade de atenção.

"Contudo, quando o processo onírico tomou um conteúdo perceptivo, encontrou um meio de esquivar-se ao impedimento que no Prcc o opuseram à censura e ao estado de dormir. Consegue chamar a atenção sobre si e ser notado pela consciência."(1)

Assim, o sonho, ao pôr em atividade parte da força em repouso no Prcc, experimenta o influxo que Freud designa elaboração secundária com vistas à coerência e à inteligibilidade.

"Isso significa que ela [consciência] trata o sonho como qualquer outro conteúdo perceptivo; submete-o às mesmas representações antecipatórias, na medida em que sua temática o permita."(2)

E. Estatuto das Imagens Energéticas e de Força do capítulo VII de "A Interpretação dos Sonhos"

Como vimos, os processos de desfiguração não podem ser pensados independentemente de uma exposição que dê conta de suas duas faces irreduzíveis: força e sentido. As forças justificam a produção de contra-sensos, ao apresentá-los como disfarces resultantes dos processos acima descritos, sugerindo-nos sua necessidade. Pelo fato de só serem descritas onde há distorção do sentido, podemos concluir, também, que elas não são autônomas, ou seja, não podem, como ocorre com as entidades teóricas na física, serem manipuladas por si mesmas.

(1) Ibid.

(2) Ibid.

Em consequência dessa imbricação entre força e sentido na obra freudiana, a linguagem utilizada na construção do capítulo VII aparece, como sugere a obra de Ricoeur, como sendo metafórica. Vejamos o porquê.

Nos capítulos I a VI, onde predominou uma descrição que enfatizava a face do sentido, ou seja, onde Freud priorizou as 'tarefas da interpretação dos sonhos' (sentido, método de interpretação, elaboração onírica), ele pretendia estar num domínio de poucas dificuldades, portanto, acreditava que estava sendo claro em sua exposição.

"Se não estou muito equivocado, por todos os caminhos que até agora empreendemos, chegamos à luz, ao esclarecimento e à compreensão plena..."(1)

No capítulo VII, onde Freud desenvolve a face que descreve os processos oníricos envolvidos nos sonhos, há dificuldades e obscuridades. Estamos sob o domínio do desconhecido, pois:

"Tropeçamos com a impossibilidade de esclarecer o sonho como fato psíquico, já que explicar significa reconduzir ao conhecido e, por ora, não existe nenhum conhecimento psicológico a que pudéssemos subordinar e que cabe discernir na qualidade de princípio explicativo a partir do exame psicológico dos sonhos."(2)

Daí a necessidade de utilizar, nesse momento de sua descrição, de hipóteses a respeito da natureza do aparelho psíquico e das forças que

(1) Ibid., p.506

(2)Ibid.

agem nele. Tais hipóteses poderiam ser sustentadas por outras investigações que se preocupam com a mesma problemática como, por exemplo, o estudo das psicopatologias.

Essas hipóteses são definidas por Freud como a manifestação no plano do aparelho psíquico, daquilo que ocorre no plano da narrativa do sonho. Desse modo, o conflito de intenções, gerador do conteúdo manifesto do sonho, é justificado no plano do aparelho psíquico como conflito de forças entre desejos inconsciente e pré-consciente, onde o aparelho funciona teleologicamente.

"Recebemos a impressão de que a formação dos sonhos obscuros se produz como se uma pessoa, que é dependente de uma segunda, tivesse que expressar algo desagradável a esta última. Partindo desse símile, formulamos os conceitos de desfiguração onírica e da censura e empenhamo-nos em traduzir nossa impressão a uma teoria psicológica, sem dúvida grosseira, porém, pelo menos, gráfica."(1)

Os temas dessa teoria psicológica, como Taylor sugere (169), usados mais particularmente em outras áreas do conhecimento, são imagens que se impõem em decorrência da inseparabilidade entre força e sentido e do fato de não serem redutíveis a ele. As forças não existem senão onde há sentido, todavia, agem para deslocá-lo sobre linhas que são radicalmente outras que as do sentido. Elas (suas propriedades) não poderiam ser definidas por si mesmas sem referência ao sentido. Portanto, não é possível recorrer a uma linguagem não metafórica.

(1) Sobre el Sueño, p.657

Assim, as forças não têm uma existência real enquanto entidades físicas, biológicas, etc. Elas são o outro lado dos efeitos de sentido que ocorrem no plano da narrativa do sonho; são ficções necessárias, que tornam tais efeitos inteligíveis. A teleologia implícita na narrativa traduz-se numa teleologia presente no princípio do desprazer. A teoria do aparelho psíquico parece ser uma grande metáfora justificadora das modificações das estruturas profundas da linguagem, que procuram dar conta de seus efeitos de superfície, ou seja, de seu mau funcionamento.

CONCLUSÃO

A aceitação da tese de que, na teoria freudiana, o sentido e a força são duas faces fundamentais e inseparáveis de uma mesma coisa, portanto, não contraditórias, abre, pelo menos, três linhas futuras de investigação: duas no âmbito da teoria psicanalítica e uma terceira fora dele.

A primeira linha de investigação é mostrar que as fontes, o critério de validação e a natureza da teoria não podem ser as mesmas postuladas para as ciências naturais. Por exemplo, como bem sugere Taylor, a observação em psicanálise dirige-se ao componente intencional do comportamento, ao procurar seu sentido num nível mais profundo do que o explícito. Isso é incompatível com uma concepção positivista de ciência que, ao procurar apreender o que julga ser objetivo, válido para todos, acaba por recusar a intencionalidade porque esta teria uma conotação subjetiva.

Além disso, segundo Taylor, a observação em psicanálise conduz-nos para além do observável. Como não há possibilidade de estabelecer correspondências entre o nível teórico e o observacional, ela estaria condenada a uma linguagem intrinsecamente metafórica, seus termos não poderiam ser definidos sem referência ao sentido; no caso da física, o nível teórico e o observacional poderiam ser, pelo menos, em princípio, distinguidos.

"Pode-se, certamente, distinguir uma região de fenômenos observáveis, por exemplo, os sintomas, que são os dados com os quais se começa o tratamento. O nível das forças subjacentes não se articula, porém, sobre os fenômenos observáveis, como no caso da física. Não se trata de correlações causais entre os dois níveis, nem por consequência de partir de propriedades causais do observável para atribuí-las às forças subjacentes. A causalidade não funciona aqui senão subvertendo o sentido, e, assim, a ação das forças não se lê senão no sentido deformado. Em outros termos, aí onde em física se pode, frequentemente, traçar um retrato das entidades teóricas em si mesmas, quer dizer sem falar de observáveis - como quando se atribui uma massa e uma velocidade a uma partícula - em psicanálise, os estados subjacentes: recalque, fixação, etc., não podem ser identificados sem referência a seus efeitos."(1)

A segunda linha de investigação é a de procurar indicar a possibilidade de se pensar a prática analítica como lugar exclusivo da interpretação (sentido) e a teoria como o lugar das forças, ou seja, mostrar, definitivamente, contra a opinião de inúmeros comentadores, que não pode haver separação entre clínica e teoria.

A terceira linha de investigação é estudar os efeitos dessa tese a respeito da inseparabilidade de força e sentido sobre os debates epistemológicos. Afinal, não nos podemos esquecer que a querela sobre o estatuto científico da psicanálise surgiu no âmbito de uma polêmica mais ampla em torno do modelo dedutivo-nomológico. O positivismo apostou neste esquema e em suas variações como suficientes e adequados para dar conta de todas as ciências. A hermenêutica acreditou na sua in-

(1) Sens et Existence, p.132

suficiência. Eles não conseguiriam apreender aquilo que é próprio do seu objeto, a intencionalidade.

A interpretação da psicanálise aqui proposta, onde parece não caber a alternativa explicação/compreensão, sugere a possibilidade de uma outra perspectiva. Se é possível pensar a convivência harmônica de duas dimensões (força/sentido), tradicionalmente incompatíveis, é porque, talvez, seja o momento de voltar-se a um monismo mitigado, que dê espaço às mais diferentes regiões do conhecimento, sem se preocupar em reduzi-las a um mesmo acorde.

BIBLIOGRAFIA

- Apel, K.O. - "The Erklaren-Verstehen controversy in the philosophy of the natural and human sciences" in Contemporary Philosophy, V.II - Philosophy of Science - edited by Martinuj Nijhoff Publishers - 1986
- Comte, A. - Textos escolhidos por Jean Laubier in Philosophie des Sciences - Presses Universitaires de France - 1974
- Dilthey, W. - "A compreensão dos outros e das suas Manifestações de Vida" in Teorias da História - Fundação Calouste Gulbenkian - 1984
- Ellis, A. - "An Operational Reformulation of some of the Basic Principles of Psychoanalysis" in Minnesota Studies in the Philosophy of Science, Vol. I, The Foundations of Science and the Concepts of Psychology and Psuchoanalysis - edited by Feigl and Michael Scriven - University of Minnesota Press - 1956
- Flew, A. - "Motives and Unconscious" in Philosophy and Analysis - edited by Margaret Macdonald, Blackwell - Oxford, 1954

- Freud, S. - Obras Completas - Amorrortu editores - Buenos Aires, 1984
 - Obras Completa - Standart Edition - Londres, The Hogart Press, 1953
- Gabbi Jr., O.F. - "A Crise Conceitual da Psicanálise" in FOLHETIM -
 Folha de São Paulo - 31 de agosto de 1986
 - "Projeto para uma Psicologia Científica: máquina falante ou fala maquinal?" in DISCURSO nº 16 - Revista do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, 1987
- Hartmann, H. - "Psychoanalysis as a Scientific Theory" in Psychoanalytic Scientific Method and Philosophy - edited by Sidney Hook - Grove Press, New York, 1959
- Hempel, C.G. - "A Função de Leis Gerais em História" in Teorias da História...
- Laplanche, J. e Pontalis J.B. - Vocabulários da Psicanálise - Livraria Martins Fontes editora Ltda, 1986
- Maldavsky, D. - Teoría de las Representaciones: Sistemas y matrices, transformaciones y estilo - Nueva Visión - Buenos Aires, 1977

- Monzani, L.R. - "Discurso Filosófico e Discurso Psicanalítico" in *Novos Estudos* nº20 - CEBRAP - Março, 1988
- Freud: O Movimento de um Pensamento - Ed. UNICAMP, 1989
 - "O Suplemento e o Excesso" in *FOLHETIM* - Folha de São Paulo - 31 de agosto de 1986
- Nagel, E. - "Methodological Issues in Psychoanalytic Theory" in *Psychoanalysis Scientific Method...*
- Palnner, R.E. - *Hermenêutica* - Edições 70 - Lisboa, 1986
- Peters, R. - "Cure, Cause and Motive" in *Philosophy and Analysis*
- Ricoeur, P. - *O Conflito das Interpretações* - IMAGO - Rio de Janeiro, 1978
- *De l'Interprétation* - Éditions du Seuil - Paris, 1965
 - "De l' Hermenêutique des textes à Hermenêutique de l'Action" in *Essais d' HermenêutiqueII* - Editions du Seuil - Paris, 1986
 - *Discurso da ação* - Edições 70 - Lisboa, 1988
- Taylor, C. - *Force et Sens, des deux dimensions irréductibles d'une science de l' homme*, in *Sens et Existence* - éditions du Seuil - Paris, 1975

- Tort, M. - "De l'Interprétation ou la Machine Herméneutique" in Les
Temps Modernes - Fevereiro e Março de 1966
- Toulmin, S. - "The Logical Status of Psycho-Analysis" in Philosophy
and Analysis...
- Von Wright, G.H. - Explanation and Understanding - Routledge & Kegan
Paul - Londres, 1971
- Wollheim, R. - As Idéias de Freud - Cultrix - São Paulo,

ERRATA

- . Trocar o termo RECALQUE por REPRESSÃO
- . Página 15, linha 2 - para se considerar a possibilidade...
- . Página 21, linha 1 - seriam suficientes...
- . Página 22, linha 22 - mentais inconscientes,...
- . Página 31, linha 6 - não apresentam o mesmo explanandum.
- . Página 32, linha 23 - "A Interpretação dos Sonhos".
- . Página 48, linha 20 - quando analisarmos também a proposição de que sonho tem um sentido...
- . Página 49, linha 1 - assim, força e sentido, dois aspectos...
- . Página 50, linha 25 - Haveria outras opiniões polêmicas:
- . Página 51, linha 6 - Freud...
- . Página 52, linha 23 - Mas isso não ocorre só na antiguidade.
- . Página 62, linha 4 - parece ser a origem do seu método, sua...
- . Página 68, linha 11 - sejam suficientes...
- . Página 75, linha 25 - Entretanto, como vimos anteriormente (cap.I)...
- . Página 90, linha 3 - inteiramente o investimento...
- . Página 93, linha 27 - O trabalho de condensação expressar-se-ia...
- . Página 96, linha 12 - "...o conteúdo de representações não se pensa, mas se modifica em imagens..."
- . Página 100, linha 7 - A identificação e a formação de pessoas mistas serviriam no sonho..., um elemento comum... de sejado. Elas conferem...
- . Página 101, linha 2 - Ela também não seria uma...
- . Página 101, linha 8 - Isso porque a intensidade...
- . Página 114, linha 14 - entidades teóricas em si mesmas,...
- . Página 114, linha 20 - procurar indicar a impossibilidade...
- . Página 117, linha 15 - Vocabulário da Psicanálise